

# Natureza de Deus

**Uma discussão filosófica e científica no contexto católico**

**Farlei Roberto Mazzarioli**  
2012-2016

*Ninguém consegue chegar ao conhecimento das coisas divinas e humanas se antes não aprendeu matemática solidamente.*

Santo Agostinho

## APRESENTAÇÃO

Este livro é a monografia, com alguns ajustes, da graduação em Filosofia no Centro Universitário Claretiano, período de 2010-2012 e título ARGUMENTOS METAFÍSICOS SOBRE DEUS, com o orientador prof. Deucyr João Breitenbach.

Em resumo, o livro é uma reflexão sobre os argumentos metafísicos sobre Deus com o foco na doutrina católica e por meio de uma revisão bibliográfica baseada em Aristóteles, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, René Descartes, Albert Einstein, Stephen Hawking e Richard Dawkins. Tal reflexão está na linha de pesquisa sobre a educação, a tecnologia e sociedade, pois traz elementos de discussão modernos da ciência e da ficção científica. Busca-se organizar os elementos racionais para investigar a existência ou não de Deus e definir critérios naturais por meio da questão de coerência interna. Deseja-se dar instrumentos racionais e maior profundidade aos argumentos sobre Deus para uma verdadeira reflexão filosófica, ou seja, capaz de formular novas hipóteses.

O autor, Farlei Roberto Mazzarioli, natural de Araçatuba, é graduado em Física pela UFSCar e Filosofia pelo Claretiano, especialista em Informática em Educação pela UFLA e Ensino de Filosofia pela UFSCar.

Este material está sendo publicado pelo próprio autor em seu próprio site, [www.farlei.net](http://www.farlei.net), com todos os direitos reservados.

## SUMÁRIO

Introdução .....	05
<b>Capítulo 1</b>	
Definições iniciais sobre Deus .....	08
<b>Capítulo 2</b>	
A busca pela origem de todas as coisas .....	11
<b>Capítulo 3</b>	
Questões estudadas por Santo Agostinho .....	16
<b>Capítulo 4</b>	
Provas da existência de Deus? .....	23
<b>Capítulo 5</b>	
As implicações da coerência e da liberdade .....	31
<b>Capítulo 6</b>	
O ato de pensar como garantia de existência .....	37
<b>Capítulo 7</b>	
A conectividade entre a alma e o corpo .....	43
<b>Capítulo 8</b>	
Expandindo a questão da alma para o universo .....	51
<b>Capítulo 9</b>	
A nova busca pela origem de todas as coisas .....	59
Conclusão .....	67
<b>Apêndice</b>	
Mistério de Deus .....	70
Referências .....	76

## INTRODUÇÃO

Como disse Aristóteles, em *Metafísica*, “todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento” (p. 43), e assim o objetivo desse material é construir uma reflexão racional sobre a existência ou não de Deus, e quais as suas características no caso de existir. Isto, por meio de referências a Aristóteles, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, René Descartes, Albert Einstein, Stephen Hawking e Richard Dawkins. A pesquisa é focalizada na teologia católica e caminha em linguagem simples na fronteira entre a física e a metafísica.

Algumas pessoas fazem questão de contrapor a ciência e a religião, outras enxergam uma harmonia que as fazem dizer que Deus digitou as leis da física, apertou a tecla *Enter* e, então, Big Bang! O fato histórico é que sempre houve um interesse mútuo porque o ser humano tem na sua natureza querer entender *o todo* e nisso os fatos geram crenças e as crenças buscam fatos. Visto que, se a fé não se relacionar com a razão, então ela se limita ao fideísmo (*fé* em latim é *fides*), o que cega o olhar filosófico intrínseco ao ser humano.

Para Aristóteles a metafísica é quando a filosofia toca a teologia, e para os filósofos medievais as suas especulações da metafísica é ferramenta crítica para analisar as verdades religiosas. E porque pesquisar argumentos metafísicos sobre Deus? A motivação para o trabalho está em João Paulo II, na carta encíclica *Fides et ratio*, respectivamente nos parágrafos 47 e 83, citados a seguir:

Na sequência dessas transformações culturais, alguns filósofos, abandonando a busca da verdade por si mesma, assumiram como único objetivo a obtenção da certeza subjetiva ou da utilidade prática. Em consequên-

cia, deu-se o obscurecimento da verdadeira dignidade da razão, impossibilitada de conhecer a verdade e de procurar o absoluto.

Se insisto tanto no componente metafísico, é porque estou convencido de que este é o caminho obrigatório para superar a situação de crise que aflige atualmente grandes setores da filosofia e, desta forma, corrigir alguns comportamentos errados, difusos na nossa sociedade.

Por isso este material vai além das referências bibliográficas, pois na busca de entendê-las ousa-se formular hipóteses que nos indiquem novos horizontes para o pensamento filosófico. Ou existiria filosofia sem incendiar a mente? Como diz o ditado, que “filho de peixe, peixinho é”, não é de se pensar o contrário dos seres humanos como filhos do Criador, pois estes, obrigatoriamente, devem ser criativos. Isto parece bonito, mas pode ser perigoso?

O prof. Felipe Aquino, em *Falsas Doutrinas*, p. 12, cita Santo Agostinho:

Não penses que as heresias são fruto de mentes obtusas [ou seja, fechadas]. É necessário uma mente brilhante para conceber e gerar uma heresia. Quanto maior o brilho da mente, maiores as suas aberrações.

Um leitor religioso deve pensar seriamente se deseja continuar neste material, porque mesmo algo sendo verdadeiro, e não uma heresia, algumas reflexões podem estar muitos anos a frente deste tempo. E assim não existe nada mais perigoso do que a verdade, porque ela transforma mais rápido do que se gostaria. A reflexão dos argumentos metafísicos sobre Deus, apresentada nesse material, não tem a utópica esperança de ser decisiva, mas de “pôr fogo no circo” do que vem sendo discutido ao longo da história.

Para começar, há o exemplo clássico de Galileu Galilei. Na sua época pensava-se que a Terra era o centro do universo (geocentrismo), o Sol, os planetas e as estrelas orbitavam em torno da Terra. Se não fosse assim, mas o Sol no centro e a

Terra orbitando em torno dele (heliocentrismo), então haveria os problemas: ao longo do ano algumas estrelas estariam mais próximas de algumas e mais distantes de outras; para o dia durar 24 horas com tamanho da Terra isso exigiria que o chão estivesse se movendo a mais de 1.500 km/h e tudo seria um super furacão.

Galileu mostrou que havia quatro luas orbitando em torno de Júpiter e que Vênus orbita em torno do Sol devido à luz e à sombra neste planeta. Como as estrelas estão muito longe da Terra não era possível perceber e nem na época medir a diferença de distância ao longo do ano. Ele também mostrou que uma bola caindo do alto de um mastro acompanha o movimento do barco, caindo rente ao mastro e não antes como na física de Aristóteles. O mesmo ocorre com um cavaleiro jogando uma bola e a pegando no ar, ela acompanha o seu movimento, tal como a atmosfera acompanha a Terra que, porém, se move.

Ao longo da história há vários esforços para obter provas físicas e metafísicas sobre a existência ou não de Deus. E se Deus existe como ele seria? O caso de Galileu mostra que algo absurdo em uma época pode se tornar a mais simples verdade séculos depois. E se isso acontecer um dia sobre a existência de Deus, será a favor da religião ou do ateísmo? A humanidade ainda tem muito o quê aprender e provavelmente esses dois lados terão muitas de suas ideias profundamente transformadas, num conhecer melhor a si mesmo ou numa desilusão.

## Capítulo 1

### DEFINIÇÕES INICIAIS SOBRE DEUS

Para falar de Deus precisamos defini-lo corretamente, começando pela palavra *religião* que significa *religar a Deus*. Então o que não é religião? Devemos entender que o ateísmo não é religião, pois não há com que se religar, nem sequer a crença em algo sobrenatural. É fato moderno que muitos ateus são abertos para a transcendência, mas esta experiência pessoal precisa ser vista sob a óptica da arte, da música e do maravilhar-se com a beleza da natureza. Porém ateísmo é, de certa forma, crença porque crê que Deus não existe.

Também não é religião o agnosticismo, este acredita que não é possível saber se Deus existe ou não. Na prática não é muito diferente do ateísmo, a maior diferença é a afirmação de Deus poder existir ou não. Como já citado, Aristóteles disse em *Metafísica*, que “todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento” (p. 43) e acreditava que era possível saber, mas Górgias discordava e dizia que “o ser não existe, se ele existisse não poderíamos conhecê-lo e ainda se pudéssemos conhecê-lo não poderíamos comunicá-lo aos outros”. Este *ser* em questão pode ser lido como Deus. Górgias era um cético radical e como todo cético questionava se era possível ou não saber algo, no rigor do agnosticismo.

Muito comum no oriente e no pensamento da Nova Era, o panteísmo, é acreditar que Deus existe e que ele seja tudo. Nesta concepção, criador e criatura se misturam, pois a criatura é uma emanção do criador e assim constituinte dele, algo muito diferente da criatura ter sido tirada do nada, ou seja, criada, no radical da palavra. Há confusão quando esse Deus não é pessoal, ou seja, *alguém*, pois



assim poderia se dizer que a natureza é Deus, mas ela não tem vontade própria e, na prática, isso seria ateísmo.

Albert Einstein falava muito de Deus, mas no sentido poético ao se referir às leis da natureza e assim ele se considerava ateu porque não acreditava em um Deus pessoal. Sobre o assunto, Richard Dawkins, em *Deus: um delírio*, lembra o que Einstein afirmou: “Sou um descrente profundamente religioso. Isso é, de certa forma, um novo tipo de religião”, e em outro momento: “A ideia de um Deus pessoal me é bastante estranha, e me parece até ingênua” (p. 39). Para melhor ilustrar este deus não pessoal, deve-se lembrar da lendária frase do agnóstico Carl Sagan: “Não faz sentido rezar para a lei da gravidade” (p. 44).

Esse sentido poético citado acima pode ser expresso pela palavra *alegoria*, que significa *dizer algo por meio de outras palavras*. Por exemplo, em teologia é comum ver como sendo uma alegoria a narrativa da criação do mundo em seis dias e descanso no sétimo, de Adão e Eva, Abel e Caim, Noé, dilúvio e a torre de Babel, referidos em Gêneses. No mesmo sentido estão as histórias de Papai Noel e Coelhoinho da Páscoa, pois levam as criancinhas a participarem da alegria do natal e da páscoa mesmo antes que possam entender racionalmente o seu significado.

Uma vez que se acredite literalmente em Deus (teísmo) pode ser: em tudo ser Deus (panteísmo), em vários deuses (politeísmo) ou em um único Deus (monoteísmo). Importante destacar que dentro do monoteísmo a definição mais simples é o deísmo, onde Deus teria criado o universo como um relógio que depois funcionaria sozinho, este “Deus relojoeiro” não interfere no universo com milagres e revelações. Pensava assim Aristóteles, Isaac Newton e muitos iluministas. E é de se questionar se, na prática, este Deus distante não estaria tão próximo ao ateísmo de Einstein que a transição do deísmo ao ateísmo seria apenas questão de tempo.

E finalmente chegamos ao Deus que é o foco dessa obra, o monoteísmo abraâmico, referente às três grandes religiões que acreditam no Deus de Abraão, que são judaísmo, cristianismo e islamismo. Este Deus tem as características: existe além do espaço e do tempo, e decidiu por livre vontade criar as leis da física e todo o universo a partir do nada; tem interesse moral na humanidade por amá-la, se envolvendo no que devemos fazer ou não, como certo ou errado; e interfere na sua criação com milagres e revelações segundo a própria pedagogia.

A Igreja Católica afirma que o homem pode *se convencer* da existência de Deus apenas com a capacidade da própria razão (CIC, n. 36-38), mas que isso não significa encontrar as “provas da existência de Deus” no sentido de “prova” segundo o olhar das ciências naturais e sim no sentido de “argumentos convergentes e convincentes” da existência de Deus (CIC, n. 31).

As faculdades do homem o tornam capaz de conhecer a existência de um Deus pessoal. Mas, para que o homem possa entrar em sua intimidade, Deus quis revelar-se ao homem e dar-lhe a graça de poder acolher esta revelação na fé. Contudo, as provas da existência de Deus [como argumentos convincentes] podem dispor à fé e ajudar a ver que a fé não se opõe à razão humana (CIC, n. 35).

Neste raciocínio, a razão permite ao homem perceber a Deus por meio da natureza já que “a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor” (Sb 13,5) como algo *suficiente*, mas não por completo, já que “pela fé compreendemos que o universo foi organizado por uma palavra de Deus, confiando que as coisas visíveis provêm daquilo que não se vê” (Hb 11,3). Entende-se que a fé permite à razão *dar saltos* como forma de superar o que está além de suas forças, pois “a fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem” (Hb 11,1).

## Capítulo 2

### A BUSCA PELA ORIGEM DE TODAS AS COISAS

Os filósofos pré-socráticos, que eram naturalistas, e assim os primeiros físicos, já buscavam entender o *princípio universal de toda a existência*, a que eles chamavam de *arché*. Tal busca foi a primeira reflexão filosófica sobre a origem das coisas que não tinha os deuses como base da criação, e mesmo nessas primeiras palavras do ateísmo vê-se que a reflexão gerada voltaria sempre à questão de um Deus criador existir ou não, com ecos que perduram até os mais modernos experimentos, como o maior acelerador de partículas da atualidade, o LHC.

Tales, Anaximandro e Anaxímenes chegaram à conclusão de que toda a matéria era formada de terra, ar, fogo e água. Porém, um destes, Anaximandro, entendeu que estes quatro elementos eram formas de algo ilimitado e indeterminado, a que deu o nome de *apeíron* e o via como algo eterno, ou seja, nem surge e nem perece, simplesmente é, assim o seu caráter ilimitado mostra que não possui características temporais. O *apeíron* seria a *arché* anterior aos quatro elementos materiais, portanto é a primeira *arché*, ou seja, o elemento primordial. Este tem uma semelhança com o atual *bóson de Higgs*, a partícula de Deus.

Porém Tales afirmava que o princípio de todas as coisas era a água, pois toda a vida tem água e dela depende, enquanto Anaxímenes defendia que o princípio era o ar e Heráclito que era o fogo por causa da mudança, ou seja, do ciclo de criação e destruição, de vida e morte na passagem do tempo. Para Heráclito, a terra, o ar e a água eram as formas em que o fogo “dormia”, podendo passar do elemento primordial fogo (o uno) para os outros (o múltiplo) e vice-versa. Assim o

eterno é o ato de fluir, a transformação. A ideia de Heráclito terá semelhança ao conceito de energia, que se transforma em tudo o que conhecemos.

Com uma visão diferente, Pitágoras afirmava que o princípio fundamental de todas as coisas eram os próprios números, e que o número *um* seria propriamente a *arché* porque dele se derivam todos os outros números. Já que os números são imutáveis e idênticos a eles mesmos. Em termos de ficção, isso lembra os filmes *O 13º andar* (1999) e a famosa trilogia *Matrix* (1999, 2003 e 2003), nos quais há um mundo criado em computação gráfica e há pessoas imersas nele. Se a matéria do mundo real for vista apenas como informação, não deveria ter uma física muito diferente da que um programa de computador poderia oferecer.

Por outro lado, Parmênides não parte da investigação empírica, e sim da razão. Isto é realizar o pensamento apenas com os dados do próprio pensamento, a forma de processar os dados é considerado um dado seguro e universal, desde que o pensamento não seja contraditório. Com base na não contradição, ele define que a *arché* deve ser atemporal porque o tempo inclui início e fim, então ela simplesmente *é*. Isso porque o perecimento não pode fazer parte da *arché* ou haveria contradição. O *ser* deve ser homogêneo e imutável, o que exclui o movimento e espaços vazios. O *ser é* e o *não ser não é*, ou seja, só o *ser* existe.

No raciocínio de *ser* ou *não ser*, o atomista Demócrito define a matéria como *ser* (átomo), *não ser* (espaço vazio) e, também, o movimento entre estes, pois não haveria movimento se tudo fosse *ser*, então a existência precisa de espaços vazios. Os átomos são as mínimas partículas que formam todas as outras coisas, o que os definem como *arché*. A palavra *átomo* significa *indivisível*, pois é preciso um mínimo para o *ser* ou este se transformaria em *não ser*. Todo movimento,

assim, surge por meio de uma causa interna da matéria, não precisando de uma intervenção externa (Deus), apenas da lei natural que rege o universo.

Enfim, Platão sintetiza os conceitos contrários de mutável e imutável definindo a realidade como o mundo físico (mutável) e o mundo das ideias (imutável). No mundo físico as coisas perecem um dia e assim deixa de *ser*, mas no mundo das ideias o conceito das coisas sempre *é*. A ideia do bem (uno) origina todas as outras ideias (múltiplo), que são como formas e estas permitem a existência das coisas no mundo físico em menor grau de perfeição. Como exemplo, um ator (físico) interpreta um personagem (ideia) sem ser ele, mas participando da sua personalidade quando o imita para uma peça de teatro.

Nessa concepção, de Platão, a alma é eterna e imutável, e este é o meio pelo qual ela encontra o conhecimento verdadeiro no mundo das ideias. Só pode ser verdadeiro o que *é* e não deixa de *ser*, pois a contradição de perecer não é aceitável. Assim a recordação do conhecimento verdadeiro se chama reminiscência, quando a alma resgata um pensamento perfeito do mundo das ideias, o que virá a ser chamado de *razão* por outros filósofos e o sentido de *revelação* para os primeiros cristãos que consideraram a filosofia grega como providência divina.

Depois, Aristóteles define as ciências teóricas em três áreas: física, matemática e filosofia primeira (metafísica), em que a física estuda o independente e mutável, a matemática o dependente e imutável e a filosofia primeira o independente e imutável. Ele acredita que nada é gerado ou destruído, uma vez que a entidade primeira (arché) conserva-se sempre. Então, lê-se que a física estuda as transformações da arché, a matemática estuda as proporções da arché e a filosofia primeira (metafísica) estuda a própria essência da arché.

Segundo Aristóteles a filosofia primeira estuda os princípios supremos, o *ser* enquanto *ser*, as substâncias e o que está além do sensível, portanto, Deus. Como a obra que tratava da filosofia primeira estava sem nome, então o bibliotecário do Museion, Andrônico, as classificou ao lado de *Física*, quando alguém as procurava ele orientava para além das obras de Física e em grego *além da Física é metafísica*. O impressionante é que o sentido literal e o abstrato coincidem perfeitamente no mesmo significado, uma ironia do destino.

Como Aristóteles pensava a arché? Se nada existe além da matéria (particular e sensível) então não há conhecimento, pois o próprio conhecimento depende de ideias (universal e suprassensível), e sua ausência tornaria impossível o estudo de qualquer coisa. As coisas devem ser vistas como matéria e forma, a matéria é indeterminada e pode assumir qualquer forma que a determine. A matéria é eterna e a forma é perecível, assim Aristóteles discorda de Platão ao afirmar que a origem (arché) vem da matéria (de baixo) e não das ideias (de cima).



A *Escola de Atenas*, do renascentista Rafael Sanzio. Palácio Apostólico, Vaticano. Imagem citada por Dário G. de Faria em [philosophiagrega.no.comunidades.net](http://philosophiagrega.no.comunidades.net).

A forma é entendida, por Aristóteles, como dentro do mundo físico e não fora dele, assim a transcendência não é necessária nesta parte. A existência de Deus é admitida como necessária e apresenta o deísmo ao ver Deus como criador que não interfere na criação. As coisas para existirem precisam ter a causa material (substância), a causa formal (forma), a causa eficiente (o ato que a cria) e causa final (o objetivo para criá-la). Nesse contexto é necessário algo fora da ordem natural que impeça uma sequência infinita e esse instrumento lógico é *Deus*.

O *motor imóvel* é algo que move sem ter sido movido por outra coisa antes, é o primeiro agente de movimento, o *primeiro motor*. Se alguém explica que tudo o que existe foi criado por Deus, logo se perguntaria quem criou Deus, então Aristóteles diria que Deus é o primeiro autor e existe desde sempre. A perfeição do criador é objeto de desejo de toda criatura que ao imitá-lo ascende em grau de perfeição, ou seja, o criador é o fim último de toda criatura, a razão de existir. Assim ele é o princípio e o fim, evitando uma sequência infinita e absurda.

A reinterpretação da filosofia grega, sob a óptica do cristianismo, fundou a cultura ocidental, já que a cultura grega, mesmo sendo pagã, poderia ser absorvida segundo fosse condizente com os valores cristãos. A própria palavra *filosofia* que vem de *amigo da verdade* foi cunhada por Pitágoras ao organizar a sabedoria de várias religiões da forma mais universal possível. Quando os primeiros filósofos pensavam sobre o natural, estes eram físicos, e se tocavam o sobrenatural com a razão por meio das especulações metafísicas olhavam para a teologia.

### Capítulo 3

## QUESTÕES ESTUDADAS POR SANTO AGOSTINHO

Já dentro do cristianismo, Santo Agostinho definiu as principais reflexões do *ser* e do *não ser* relativas a Deus, desenvolvendo a concepção de que este não é contido nem no espaço e nem no tempo, que Ele tira todo *ser* do nada e o mal é a ausência do *Ser Supremo*. A motivação a tais reflexões se deve às características de Deus: eternidade, onipresença, onipotência e onisciência. Agostinho busca usar a herança da filosofia grega para explicar a fé aos olhos da razão.

Para começar, pensemos na questão que já existia na época: Se Deus pode tudo, então Deus poderia criar uma pedra tão pesada que nem Ele mesmo poderia movê-la? Em ambos os casos, podendo ou não criar tal pedra, isso resultaria na não onipotência de Deus. A resposta está no fato de que se Deus fosse contido no espaço, então não seria onipresente e nem estaria acima das leis do universo, ou seja, este não seria onipotente se fosse contido nesse contexto. Assim a explicação é escapar de um contexto onde os atributos de Deus seriam impossíveis. A seguir explica-se a realidade em que a existência de Deus seja possível.

Sobre a questão do tempo, Agostinho afirma: “Nem criaste o universo no universo, pois antes de o criares, não havia espaço onde ele pudesse existir”, em *Confissões* (p. 331). Isso virá a se encaixar com Albert Einstein, pois as teorias da *Relatividade Restrita* (1905) e da *Relatividade Geral* (1916) permitiram o nascimento da teoria do Big Bang nos anos seguintes, onde ficou claro que o espaço-tempo começou a existir junto com a matéria. Assim o tempo com o *antes* e o *depois*,



como nós o conhecemos, é algo deste universo material, de modo que, uma realidade suprassensível deve, de alguma forma, estar além da experiência temporal.

Agostinho precisa entrar no problema de Aristóteles, como Deus sendo a causa primeira. Se Deus criou que tudo o que existe, então quem criou Deus? A resposta segue o raciocínio: se Deus tivesse um início, então também deveria ter um fim, portanto início e fim não são próprios do ser eterno, como também pensava Aristóteles. Mas ao contrário de Aristóteles, Agostinho, aceita uma realidade suprassensível (sobrenatural), tal como Platão no mundo das ideias, firmando que o tempo com *antes* e *depois* é próprio deste universo.

Aristóteles pensa que o tempo é eterno, ou seja, existe desde sempre, quando diz que “tampouco seria possível que o tempo seja suscetível de geração e corrupção, já que não seria possível haver prioridade e posteridade sem o tempo” (2006, p. 300). Entretanto, Agostino vê o tempo como criado por Deus, portanto tendo um início, e vê no transcender do tempo a morada de Deus, o autor do tempo, porque Deus que habita na eternidade, uma realidade que ultrapassa a questão de *antes e depois*, tal como ele explica:

Fizeste tudo aquilo de que é formado e não é formado este mundo mutável, no qual se manifesta a mobilidade, pela qual se pode sentir e medir o tempo. De fato, este tempo é feito da mudança das coisas, da variação e da sucessão das formas. [...] Foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares. Mas se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazia então? Não podia existir um “então” onde não havia tempo. Mas não é no tempo que tu precedes os tempos, pois doutro modo não serias anterior a todos os tempos (2005, p. 336-337).

Sobre a questão do *não ser*, o que seria o nada? Como Deus é onipresente, então tudo o que existe está em algum grau na presença de Deus. Portanto, entenda-se que o inferno só pode ser o *nada absoluto*, ou seja, deixar de existir por estar

totalmente afastado daquele que é onipresente. Seria este o único direito que a alma poderia exigir de seu criador? Ser enviada ao nada do qual foi tirada? A Igreja ensina que Deus ama e cria do nada (CIC, n. 296-300), ou seja, “chama à existência o que antes não existia” (Rm 4,17). Porém não se pode confundir que Deus tenha tirado a alma do inferno, pois inferno seria o retorno ao nada.

Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Se odiasses alguma coisa, não a terias criado. De que modo poderia alguma coisa subsistir, se tu não a quisesses? Como se poderia conservar alguma coisa se tu não a tivesses chamado à existência? Tu, porém, poupas todas as coisas, porque todas pertencem a ti, Senhor, o amigo da vida (Sb 11,24-26).

Em *Confissões*, Agostinho explica que “existimos porque fomos criados; mas não existíamos antes de existir, portanto não podíamos ter criado a nós mesmos” (p. 330) porque não existíamos. Portanto, ao criar a alma, Deus não poderia perguntar se ela queria existir antes dela ser criada, então, sabendo que Deus a criou livre, como é possível resolver isso? Antes de responder é preciso analisar a situação e isso pode ser aprofundado nas páginas 187 e 390, respectivamente:

Observando as outras coisas que estão abaixo de ti, empreendi que absolutamente não existem, nem totalmente deixam de existir. Por um lado existem, pois provém de ti; por outro não existem, pois não são aquilo que és. Só existe realmente aquilo que permanece imutável. “Bom para mim é apegar-me em Deus” (Sl 72,28), porque, se eu não permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo.

Fizeste o mundo, não tirando de tua substância uma perfeita semelhança de ti mesmo, mas, sim, tirando do nada uma matéria informe, diferente de ti, porém suscetível de receber a forma de uma semelhança contigo, referida à tua unidade segundo a medida preestabelecida para cada um dos seres na sua própria espécie.

A existência de Deus é uma existência absoluta e, portanto, eterna, assim só Deus é eterno porque só Ele é absoluto. Nesse ponto de vista a alma não seria

simplesmente eterna, mas chamada para ser eterna ao participar da eternidade de Deus, ou escolher se afastar de Deus e deixar de existir. Se alguém cria algo, então este algo lhe pertence, mas Deus deu liberdade às almas que criou ou elas não seriam semelhantes a Ele. Assim pertença e liberdade dependem de uma relação a ser construída nesse tempo de vida. É aderir ao seu projeto de amor tal como ele é ou nada. Então o sentido dessa vida é a escolha de querer existir?

Deus é a origem do existir e somente na sua presença (onipresença) continuar existindo é possível. É preciso distinguir criatura de criador para não se confundir com o panteísmo e também fazer sentido: “Tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste” (Cl 1,17), por isso “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28). A criatura é tirada do nada, não é uma emanção de Deus ou também seria Deus, conforme a citação: “Fizeste o céu e a terra, mas não da mesma substância, pois assim teriam sido iguais ao teu Filho unigênito, e, portanto, iguais também a ti” (AGOSTINHO, 2005, p. 365).

Sobre a questão do mal: Se Deus é bom, então tudo o que ele faz é bom. Deus não fez o mal, mas o mal existe. Então o mal é a ausência de Deus. Se Deus, que é onipotente, permite que o mal exista é porque ele pode tirar algo de bom disso. Da mesma forma se uma pessoa pode escolher entre duas coisas boas, mas prefere a menos boa isto é maldade, porque não condiz ao mandamento de amar a Deus acima de tudo. Isto porque Deus é o bem maior e quanto maior o bem mais perto de Deus. Escolher o bem significa fazer sacrifícios de coisas boas e necessárias se for preciso para obter o bem maior.

A corrupção de fato é um mal, porém não seria nociva se não diminuísse um bem real. Portanto, ou a corrupção não é um mal, o que é impossível, ou – e isto é certo – tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição

de bem. Mas privadas de todo bem, deixariam inteiramente de existir (AGOSTINHO, 2005, p. 187-188).

Tal como a escuridão é a ausência da luz, o frio a ausência do calor e o silêncio a ausência do som, “o mal é apenas privação do bem, privação esta que chega ao nada absoluto” (AGOSTINHO, 2005, p. 71). Mesmo sendo perigoso o mal este é consequência obrigatória do ser humano ser livre e tem utilidade, como o silêncio definindo o intervalo entre as palavras, dessa forma o mal destaca a perfeição para se entender melhor o que é o bem. A pessoa pode usar a sua liberdade para se afastar de Deus por meio do mal, porém como sem liberdade não há amor, Deus corre este risco ao chamar a pessoa para o seu projeto de amor.

Quando se fala da onipresença de Deus deve-se lembrar que tudo subsiste em Deus (Cl 1,17) e que não existe união entre a luz e as trevas (2Cor 6,14), mas se os demônios existem, então eles estão na presença de Deus? Tomás responde na questão 8, artigo 1 (2005): “Não se deve absolutamente conceber que Deus esteja nos demônios, porém com este acréscimo: *enquanto são realidades*”, pois Deus “está em todas as coisas na medida que lhes dá o ser, o poder de agir e a ação”. Os demônios estariam se esvaziando, como quem cai em um abismo, ao chegar ao fundo não mais existirão, seria como dizer que eles “precipitam ao inferno”.

A Igreja afirma que “o mundo e o homem atestam que não têm em si mesmos nem seu princípio primeiro nem seu fim último, mas que participam do Ser em si, que é sem origem e sem fim” (CIC, n. 34). O motivo de nosso existir é, nas palavras de Agostinho: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. [...] Existo, sabendo e querendo; sei que existo e quero; quero existir e conhecer” (2005, p. 15 e 408). O que encontra no íntimo do ser

uma natureza humana programada para buscar a Deus, o bem maior, que se entrega para quem se entregar ao seu projeto de amor.

Há uma lenda em que Agostinho, talvez em um sonho, caminhava pela praia e viu uma criança repetidamente levando a água do oceano a um pequeno buraco na areia. A seguir, há uma simplificação dessa história que é facilmente encontrada na internet, mas sem referências precisas.

Santo Agostinho passeava pela praia e pedia a Deus para que pudesse entender o mistério da Santíssima Trindade, quando encontrou um menino brincando na areia. A criança, continuamente, trazia um pouco de água do mar e a despejava num pequeno buraco na areia da praia. Curioso, Agostinho perguntou à criança o que ela pretendia com aquilo. O menino respondeu que queria colocar toda a água do mar dentro daquele burquinho. Agostinho explicou a ele que seria impossível realizar o que queria. A criança, então, argumentou: "É muito mais fácil o oceano todo ser transferido para este buraco, do que o mistério da Santíssima Trindade ser compreendido". E a criança desapareceu: era um anjo.

Após o ocorrido, Agostinho entendeu que não seria possível à mente humana conter toda a grandeza de Deus. Na época, *entender* era a apreensão do objeto entendido e se Deus pudesse ser contido na mente humana então Ele não seria Deus. Ele é entendível no sentido de que a razão possa conhecê-lo, mas não no sentido prevê-lo, e assim dominá-lo, ou não seria todo-poderoso. E se Agostinho tivesse riscado a areia, esticando o buraco ao oceano, a água o preencheria e este seria parte do leito do oceano, então o anjo teria aprendido algo?

A única possibilidade que temos é procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, conjecturar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, em que a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano de amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante á a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser,

ao mesmo tempo que ficamos inundados de alegria (BENTO XI, 2007, n. 12).

Tal é, portanto, o primeiro princípio do qual dependem os céus e o mundo da natureza. E seu curso da vida é o mais excelente que podemos fruir por curto período de tempo, pois está necessariamente sempre nesse estado (que para nós é impossível), uma vez que seu ato é também prazer (ARISTÓTELES, 2006, p. 304).

Voltando à questão do tempo, fica interessante imaginar que o tempo deste universo material seja um caso específico de uma realidade maior, até onde entendemos como atemporal e a teologia chama de eternidade. Visto que na física, por meio de abstrações matemáticas, fala-se de outros universos contidos em um multiverso. Seria esta a eternidade? E se a eternidade é atemporal, portanto imutável, como Deus cria as almas do nada e as chama para participar da sua eternidade? Então, o que seria imutável? E se este tempo for um caso específico e a eternidade o caso geral, que física seria essa? Haverá prova de física no paraíso?

## Capítulo 4

### PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS?

É possível ter provas físicas ou metafísicas da existência de Deus? Ainda não há provas, e em matéria de Direito ensina-se que o “ônus da prova”, ou seja, o custo da prova, pertence a quem faz a afirmação. Então quem afirma que Deus existe deve ser capaz de provar a sua existência, ou quem afirma que Deus não existe deve ser capaz de provar a sua inexistência. E também é preciso explicar que a ausência de provas da existência de Deus não é prova do contrário. Ou seja, ninguém pôde provar que as fadas existem, mas também não é possível provar que elas não existem apenas devido à ausência de provas.

Atualmente as pessoas não se preocupam mais com a razão como se fazia antes, assim busca-se Deus por resultados práticos sem se importar com a discussão da teoria. Uma das poucas vantagens disso é que a comunicação direta está mais valorizada, então a pessoa pode simplesmente conversar com Deus (por meio da oração) e deixar que este o conduza segundo a sua vontade. Esta forma de comunicação pessoal exige sensibilidade e fé, mas não possui os critérios de uma análise filosófica atual e, portanto, não resolve o problema filosófico.

Um argumento, até agora inédito, para a ausência de provas poderia ser: “Alguém inteligente não criaria outro ser para que este dar-lhe ordens”, um pesadelo frequente na ficção científica sobre robôs. Da mesma forma um pai inteligente não criaria o seu filho para que este filho lhe imponha autoridade. Assim o foco da busca das provas da existência de Deus, para nos convencer, deveria mudar para:

“Como nós devemos provar para Deus que acreditamos na existência dele”. Isto não resolve o problema, mas é um novo ponto de vista.

É preciso ver para crer? Os átomos foram imaginados milênios antes de ser provada a existência deles e mesmo hoje a imagem de átomos precisam de complexas abstrações. Seria o mesmo para a prova da existência de Deus? No mesmo sentido Tomás de Aquino lembra que “as perfeições invisíveis de Deus se tornam visíveis à inteligência, através de sua obra” (Rm 1,20), e afirma, com base nisso que “se a existência de Deus não é evidente para nós, pode ser demonstrada pelos efeitos por nós conhecidos” (2005, q. 2, a. 2).

A seguir estão as cinco vias (ou cinco argumentos) de Tomás sobre a existência de Deus, estes foram resumidos e apresentados em linguagem mais simples para o entender atual, os originais, bem mais longos podem ser encontrados em *Suma Teológica*, questão 2, artigo 3. Toda esta obra foi escrita entre 1265 e 1273. Isto não é uma prova física, mas o autor considerava uma prova metafísica, ou seja, com base na razão, para a existência de Deus.

**1ª. Movimento:** Tudo que tem movimento foi movido por alguma outra coisa, e assim por diante até a primeira de todas. Para que não houvesse uma sequência infinita Aristóteles imaginou que a primeira coisa era Deus, a quem chama de primeiro motor, ou motor imóvel, por não ter sido movido por outra coisa antes.

**2ª. Causa eficiente:** Vem do conceito de *causa e efeito*, pois tudo que existe foi criado de outra coisa e assim sucessivamente até a primeira ou teríamos uma sequência infinita. Nada poderia ter causado (criado) a si mesmo e só a Deus pertenceria o poder (eficiência) de tirar do nada. O ato de criar é tirar do nada.

**3ª. Possível e necessário:** O que nasce e perece pode *ser e não ser*, sendo impossível *ser* para sempre o que é de tal natureza, tal como o que pode *não ser* não existe em algum momento. Se tudo pode não ser, houvesse um momento em que nada existia, tal como agora nada existiria já



que tudo vem do que já existe. Logo, é necessário a existência de Deus para dar o início.

**4ª. Graus:** As coisas são mais ou menos na natureza, tal como mais ou menos bom, conforme elas se aproximam daquilo que em si é o máximo. Aristóteles já havia explicado que o sumo grau de um gênero é causa de tudo o que é desse gênero, tal como o fogo é causa do calor de tudo o que é aquecido. Deus é perfeito, o grau máximo, e assim causa de toda perfeição.

**5ª. Governo:** A organização da natureza demonstra um objetivo que leva ao que é ótimo. Indicando não ser por acaso, mas em virtude de uma intenção para uma finalidade, tal como uma flecha é direcionada pela mão de um arqueiro inteligente. Logo, existe algo inteligente que ordena todas as coisas na natureza a um fim.

Ao longo do século XX a física moderna veio confrontar os 1º, 2º e 3º argumentos quando a Física Quântica afirma que a matéria pode ter flutuações no vácuo, onde o vazio é uma sopa fervilhante de partículas que surgem e logo desaparecem. No programa do Discovery Channel, *Curiosidades: Deus criou o universo?*, Steven Hawking cogita que o universo poderia ter surgido do nada da mesma forma que as flutuações no vácuo podem gerar partículas. Isto ainda será melhor discutido em outro capítulo deste material.

Estes argumentos são baseados no trabalho de Aristóteles e, obviamente, consistentes para o entendimento da época, mas a partir da *Teoria da Evolução* de Charles Darwin mostra-se que o simples evolui para o complexo, tal como o mais adaptado sobrevive e dessa forma o sistema vai entrando em equilíbrio. O que virá a quebrar o 4º e o 5º argumento de Tomás, mas não tira a existência de Deus porque ele poderia ter planejado criar o universo por meio do Big Bang e da evolução. E Tomás concorda que “o imperfeito precede o perfeito na sua produção” (2005, q. 65, a. 3).

Ainda sobre os argumentos de Tomás de Aquino, é importante destacar que são baseados em *Metafísica* de Aristóteles, como pode ser observado nos parágrafos, de Aristóteles, respectivamente nas páginas 304 e 312, a seguir:

Este [o primeiro motor], então existe necessariamente e, porquanto é necessário, é bom, e neste sentido um primeiro princípio. De fato, o necessário tem todos os seguintes significados: aquilo que é por coação por ser contrário ao impulso, aquilo sem o que a excelência é impossível e aquilo que não pode ser de outra maneira, sendo absolutamente necessário.

Cabe-nos, outrossim, examinar em que sentido a natureza do universo encerra o bem ou o supremo bem, se como algo separado o independente ou se como o arranjo ordenado de suas partes. É provável que sim em ambos os sentidos, como ocorre com um exército, pois a eficiência deste consiste em parte na ordem e, em parte, no general, embora dependa, sobretudo deste último, já que ele, por sua vez, não depende da ordem, mas esta dele.

A ciência é baseada no método científico, que funciona com base em: observação, reprodução em laboratório, elaboração de leis e comprovação experimental. Os resultados das experiências geram dados estatisticamente confiáveis em uma precisão satisfatória, o que dá credibilidade à teoria. O ato de prever e ainda ter várias previsões confirmadas é a “prova de fogo” que convence os mais céticos e silencia muitos charlatões. Isto é uma prova física!

Porém provas físicas geram conversão ou perseguição? É fato bonito que muitos cientistas já mudaram opiniões ardorosamente defendidas no amor pela verdade, tal como muitos religiosos abandonarem seus sonhos na vida e até a própria vida por tal verdade. Mas todos agem assim? No relato bíblico, quando Jesus ressuscitou Lázaro os “chefes dos sacerdotes decidiram matar também Lázaro, porque, por causa dele, muitos judeus deixavam seus chefes e acreditavam em Jesus” (Jo 12,10-11). Até onde é bom ter provas?

O milagre do Sol, em Fátima, Portugal, em 13 de outubro de 1917, foi anunciado com meses de antecedência e presenciado por cerca de 70 mil pessoas. Eles viram algo que entenderam ser o sol fazendo movimentos estranhos e impressionantes, obviamente não se tratava do Sol que está a 150 milhões de km da Terra, é 1,3 milhões de vezes maior que a Terra e tem 99,86% da massa de todo o sistema solar. As melhores explicações atuais é de ter sido um fenômeno atmosférico raro, possivelmente um *raio bola* (ou *relâmpago globular*). A seguir, encontra-se a citação de um jornal português da época sobre o acontecimento.

A seguir encontra-se um recorte do jornal português *O Século*, com o título *O milagre de Fátima*, escrito por Avelino de Almeida em 17/10/1917. Este material é facilmente encontrado na internet dentro da figura que está logo depois.

Que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pronunciada, deixa de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei – *disco de prata fosca* – em pleno zênite aparecer e dançando num bailado violento e convulsivo, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar... Milagre, como gritava o povo; fenômeno natural, como dizem os sábios? Não me atrevo agora o saber, mas apenas de afirmar o que vi... O resto é com a ciência e com a Igreja...



Imagem reduzida do jornal português, *O Século*, sobre *O Milagre de Fátima*.  
Encontrada em [www.deuslovelt.org](http://www.deuslovelt.org), texto de autoria de Jorge Ferraz.

Em *Os milagres de Fátima* de Renzo Allegri e Roberto Allegri, relata-se que antes do milagre do sol, na quinta aparição, desta vez em 13 de setembro de 1917, era possível ver as “estrelas” ao meio-dia e uma outra coisa... No qual o monsenhor João Quaresma, vigário geral da diocese de Leiria, e o monsenhor Manuel do Carmo Góis relatam “um *globo luminoso* que se deslocava do oriente para o ocidente, movendo-se com lentidão e majestade através do espaço” (p. 149).

Deve-se dizer que embora o ar, em sua rarefação, não contenha figura nem cor, quando condensado pode configurar-se e colorir-se, como se vê nas nuvens. É portanto a partir do ar que os anjos assumem os corpos, condensando-o pelo poder divino, na quantidade necessária para formar um corpo (AQUINO, 2005, q. 51, a. 2).

Na época, seria possível algum ilusionista armar tal grandiosa fraude? A contagem do número de pessoas estava errada? Há divergências, entre 30 a 100 mil pessoas em relatos diferentes. Não é provável que 70 mil pessoas, ou algo em torno disso, tenham conseguido mentir com tanta sincronia, ao longo de várias aparições em vários meses e inclusive os céticos que foram desmerecer a previsão! Dawkins, a respeito do milagre do sol, comenta a possibilidade de uma alucinação

pelo efeito das pessoas olharem diretamente para o sol e dos efeitos incríveis e ainda desconhecidos da mente humana (2007, p. 130).

Uma forma de descrever o milagre do sol, repudiada tanto pela comunidade científica como pelos teólogos em geral, é de ter sido causada por uma nave extraterrestre. Segundo o suíço Erich von Däniken, autor de *Eram os deuses astronautas?*, de 1968, as mais diversas religiões teriam sido formadas por extraterrestres se passado por deuses. Esta argumentação condiz ao ateísmo, mas só nos interessa revertê-la na forma da pergunta: Poderiam os extraterrestres, como irmãos de outros planetas, terem a mesma fé no Deus de Abraão e terem participado na história desde Abraão e por todo o contexto bíblico?

De modo geral, os teólogos mais sérios, nem tocam no assunto sobre extraterrestres no que diz respeito a estarmos sendo visitados por eles. No máximo, discutem o que a astronomia diz e podem confirmar que eles também seriam criados por Deus, obviamente, tal como diz o pe. José Gabriel Funes, diretor do Observatório Astronômico do Vaticano, em *O extraterrestre é meu irmão*, publicada no jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, em 14/05/2008. Sobre a presença deles na história bíblica, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) nada diz diretamente, nem a favor e nem contra, mas aos relatos que poderiam indicá-los, mostra que, na explicação simbólica, até agora, extraterrestres são desnecessários.

A forma de interpretar a tradição que é o eixo principal da livre docência de Joseph Ratzinger (Bento XVI) e foi fundamental para a *Dei Verbum*, um documento do Concílio Vaticano II, citada em *Lembranças da minha vida*, p. 67, é:

Quando a "tradição" é entendida como o processo vital pelo qual o Espírito Santo nos introduz em toda a verdade e nos ensina a entender o que antes ainda não éramos capazes de compreender (Jo 16,12), então o "re-

cordar-se” posterior (Jo 16,4) pode reconhecer o que antes *não tinha ficado perceptível*, mas já estivera entregue na *palavra original*.

Na possibilidade de um futuro contato com extraterrestres podemos facilmente perceber que a filosofia e a teologia deles estariam milhões de anos à nossa frente, e se realmente houve uma participação deles na história bíblica, obviamente, contra toda a expectativa dos teólogos atuais, o texto acima, do papa, mostraria o caminho para o ajuste de interpretação. Outros ajustes já foram necessários ao longo da história, como lembra o caso de Galileu Galilei. Mas enquanto isso, querer discutir o assunto poderia levar o interessado a ouvir o comentário: “A Igreja tem mais o quê fazer”. E não deixaria de ser verdade?

## Capítulo 5

### AS IMPLICAÇÕES DA COERÊNCIA E DA LIBERDADE

A reflexão filosófica exige coerência, então o possível a ser feito aqui é investigar que tipo de onipotência seria coerente com a realidade. Então, seria possível algumas perguntas: Seria onipotência poder se contradizer? A contradição está contida na ação? Pode o *não ser* fazer parte do *ser* ou o contrário? Quando Deus dá livre arbítrio ele limita a própria liberdade já que não decide pelo outro? Uma vez que Deus é livre ele poderia decidir pelo mal? Ele decidiu pelo bem para sempre? O trilhar para o mal é ausência de liberdade? Pode alguém totalmente livre estar sendo livre ao escolher deixar de ser livre?

Seguindo literalmente o significado das palavras, algumas pessoas poderiam dizer que Deus não é perfeito, porque “perfeito significa como que *totalmente feito*. Ora, não convém a Deus ser feito. Logo, nem ser perfeito”. Para isto Tomás responde que “diz-se perfeito aquilo que nada falta da sua perfeição própria” (2005, q. 4, a. 1). Por meio desse raciocínio pode-se perceber que algumas características de Deus, tal como a perfeição dita acima, só serão possíveis se feito os devidos ajustes no vocabulário. Ou seja, a solução para muitos dos paradoxos é uma questão de semântica.

Sobre a onipotência, Tomás explica, na *Suma Teológica*, que “quanto às coisas que implicam contradição, não estão compreendidas na onipotência divina, pois não comportam a razão de possíveis” (q. 25, a. 3). Isso porque “o que implica contradição não está sob a onipotência de Deus. Ora, que as coisas passadas não tenham existido implica contradição” (q. 25, a. 4). Talvez isso tire a ilusão de alguns

fiéis, mas ser fiel exige o compromisso com a verdade mais do que com o conforto de algumas ilusões e assim descobrir uma realidade ainda mais bela do que ele podia imaginar. Ou adquirir bom gosto não exigiria alguma humildade?

No texto a seguir, da *Suma Teológica*, questão 25, artigo 3, São Tomás de Aquino explica a solução clássica para o paradoxo da onipotência.

Já considerando que a potência se refere ao possível, quando se diz: Deus tudo pode, o mais correto é entender que *pode tudo o que é possível* e por isso se diz onipotente. [...] Mas dizer que Deus pode tudo o que é possível à potência divina é um círculo vicioso. Pois, seria dizer que Deus é onipotente porque pode tudo o que pode. Portanto, deve-se dizer que Deus é chamado onipotente porque pode *absolutamente todo o possível*, o que é outra maneira de conceber o *possível*.

Por coerência a ação de Deus é limitada ao possível, então Ele não pode fazer um círculo ser ao mesmo tempo um triângulo, mesmo que possa fazer uma lente que mude a imagem de tal forma ainda não seria o objeto em si. Também é fácil entender que a onipotência de um ser torna a onipotência de outro ser impossível, só pode haver um ser onipotente. Eis uma peça-chave para o monoteísmo, porque uma vez que a onipotência (invencibilidade) exista, ela só cabe a um único ser, daí a unicidade (único) de Deus. Neste sentido, Deus também não poderia criar alguém que fosse mais poderoso do que Ele, ou Ele não seria mais onipotente.

A questão da onisciência entra em conflito com a onipotência, pois se Deus é onisciente, então sabe o futuro, que dessa forma já está determinado, então Deus não pode mudá-lo, o que o impede de ser onipotente. No entanto, uma vez que Deus dê livre arbítrio para as pessoas fica estranho que Ele saiba o que elas vão decidir, mesmo Ele sendo eterno e assim estando além do tempo. Também faz parte disso o julgamento das almas, pois se uma pessoa pudesse viajar no tempo e alterar o passado isso afetaria quem iria para o paraíso ou para o inferno?



O fato de Deus dar o livre arbítrio também o impede de mudar o passado, ou Ele iria interferir em uma decisão já tomada e forçar dessa forma já não seria liberdade. Se a onisciência fosse saber as nossas escolhas livres, então para quê essa vida cheia de sofrimento quando nós já poderíamos nascer no paraíso ou no inferno? Não seria mais prático? A única resposta lógica é que quando Deus dá a liberdade também abre mão de conhecer o futuro do ser livre. Isso define o destino como um chamado, um convite, um projeto, e não uma determinação.

Porém Tomás insiste que Deus sabe o futuro! Uma forma de resolver isso depende de Albert Einstein, que na teoria da relatividade afirma que um evento pode ser simultâneo para um observador e não para outro observador que esteja em um referencial diferente. Assim, como o tempo e a eternidade são referenciais diferentes isso seria possível. Deus saberia do futuro de um ser dotado de livre arbítrio exclusivamente por estar em um referencial eterno, pois deste todo o tempo do universo seria como um instante.

Então aquela “hora” do fim do mundo, que só o Pai conhece (Mt 24,36; At 1,7) e nem o Filho sabe (Lc 21,8), seria a eternidade além deste universo material. Pois se o Filho estivesse no tempo junto conosco faria sentido não conhecer, já que o *conhecer* teria o sentido de *participar* da mesma realidade. E mesmo sendo indissolúvel do Pai, Jesus se fez homem e estava entre nós em carne e osso neste universo material, por isso Ele disse não conhecer aquela “hora”, como força de expressão ao enfatizar o quanto Ele estava junto conosco para nos salvar. Assim, faz sentido João enfatizar que já estamos na “última hora” (1Jo 2,18).

Para aprofundar a questão do tempo Tomás, na *Suma Teológica*, explica:

O tempo nada mais é do que o número do movimento segundo o antes e o depois. Já que em todo movimento existe sucessão [...]. Assim, duas

coisas caracterizam a eternidade: primeiro, o que está na eternidade é interminável, isto é, sem começo e sem fim (*término* se referindo tanto a um quanto ao outro). Segundo, a própria eternidade não comporta sucessão, pois é inteiramente simultânea (q. 10, a. 1).

Deus, na eternidade, vê todas as coisas, pois, sendo absoluto, está presente em todo o tempo e o abrange. Por isso, uma só visão de Deus atinge tudo o que se faz através de todos os tempos como presente e vê das coisas como são em si mesmas (q. 57, a. 3).

Essa explicação ainda está forçando a amizade... Para buscar uma maior coerência seria melhor ligá-la à questão da salvação das almas, pois se uma alma criada do nada vai para a eternidade, que é imutável, como o que é imutável continua imutável com uma alma a mais lá dentro? Isso também corrobora a necessidade de uma continuidade entre a física e a metafísica, que para Aristóteles era visto com naturalidade. Tomás diz que “à medida que algo se afasta da imobilidade própria do ser e se encontra sujeito a mudanças, ele se afasta da eternidade e está sujeito ao tempo” (2005, q. 10, a. 5).

Como diz São Tomás de Aquino, em *Suma Teológica* (q. 10, a. 2):

A razão de eternidade corresponde à imutabilidade, como a razão de tempo corresponde ao movimento [...]. Quanto ao que diz Agostinho, que *Deus é o autor da eternidade*, entende-se de uma eternidade participada, pois, do modo como Deus comunica sua eternidade a alguns, assim lhes comunica sua imutabilidade.

Apesar de deixar mais confuso, uma “manobra radical” do raciocínio a imutabilidade deve ser vista sob a óptica da perfeição, que significa *estar completo*, tal como foi citado Bento XVI, em se abraça a totalidade e se é abraçado por ela (2007, n. 12). Esta eternidade, imutável no que se refere à plenitude do ser e estar em outro referencial temporal, é o destino, o fim último de toda alma, realidade chamada de bem-aventurança por ser o prêmio final. A bem-aventurança significa

a última perfeição da natureza racional ou intelectual e tal realidade só pertence a Deus, mas este a oferece como prêmio a quem o busca de todo o ser.

Uma vez que se pense que Deus é imutável na sua perfeição vem a pergunta se Deus tem livre arbítrio e se uma alma bem-aventurada também continuando o livre arbítrio. Por melhor que seja o paraíso (bem-aventurança), poderia uma alma querer sair de lá ou lá resolver ser incoerente com o bem que escolheu viver para sempre? E se Deus, por ser livre, resolvesse deixar de ser bom? Esse tipo de escolha seria possível em um contexto de perfeição? A seguir, Tomás traz mais algumas definições que dão sentido a isso.

Explica Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*:

Temos por livre arbítrio com relação às coisas que não queremos por necessidade ou por instinto de natureza. Pois não pertence ao livre arbítrio, mas ao instinto natural, que queiramos ser felizes. [...] Deus quer por necessidade sua própria bondade [...], Ele possui livre arbítrio a respeito de tudo aquilo que não quer por necessidade (q. 19, a.10).

É impossível, ademais, que alguém [na bem-aventurança] queira ou faça algo sem se referir ao bem, ou queira afastar-se do bem enquanto bem. Por isso, o anjo bem-aventurado não pode querer ou agir a não ser referindo-se a Deus. Assim, pois, querendo ou agindo, não pode pecar (q. 62, a. 8).

Voltamos à única resposta coerente: o poder de Deus não inclui a contradição. O mesmo deve ser visto quanto ao bem e o mal, o certo e o errado. Deus não pode fazer o mal, pois Ele não pode se afastar de si mesmo, o que seria uma contradição. Portanto, as regras de certo e errado, tal como a matemática fazem parte da realidade de Deus, de sua essência. Essas reflexões poderiam levar uma pessoa a pensar que Deus está condenado a ser bom, e ser bom ao extremo, o que

faz sentido. Mas a própria liberdade precisa ser definida como só existindo em algum grau de perfeição e só sendo plena na completa perfeição.

Isto nos leva a uma situação radical: Só é possível existir escolhendo e aderindo-se à perfeição, caso contrário, o nada absoluto, que chamamos de inferno. Então fica claro que Deus teria decidido, de forma eterna, a existir pagando o agradável preço da bondade? E o ser humano teria de decidir o mesmo, pois se foi por amor que nós fomos criados, então só poderemos continuar existindo dentro do mesmo amor, e como nós somos livres precisamos decidir de forma radical e, dentro do possível, de forma eterna.

Essas definições podem não satisfazer um fiel que seja mais fã (ou fanático?) do que fiel. O que não é diferente em um casamento, pois os noivos precisam se conhecer e assim ter conhecimento preciso da realidade que os aguardam, poderão ver que é boa, mas provavelmente não condiz com as suas ilusões iniciais. Maturidade é isso, quem tem conhece. A reflexão tem o poder de transformar os conceitos e trazê-los mais próximo da realidade, porém isso só se concretiza com disposição para a verdade, mesmo que o processo não seja a opção mais doce, ou não será um amigo da verdade, e isto não é filosofia.

## Capítulo 6

### O ATO DE PENSAR COMO GARANTIA DE EXISTÊNCIA

É possível ter certeza de algo? Santo Anselmo afirma dar provas da existência de Deus apenas por meio da razão. Visto que o cálice sagrado da metafísica é encontrar, apenas por meio da razão, realidades que nos permita dar certeza de algo. E o francês René Descartes ousou dizer que isto é possível no *Discurso do Método*, quarta parte, de 1637. Sobre o qual, no texto a seguir, poderemos concordar que o ato de pensar mostra, pelo menos a quem pensa, que ele mesmo existe, e de forma livre de dúvidas, como afirma o autor.

Diz René Descartes, em *Discurso do Método*, páginas 41-42:

Considerando que os mesmos pensamentos que temos quanto acordados podem ocorrer-nos quando dormimos, sem que haja então um só verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que outrora me entraram no espírito não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo depois, observei que, enquanto pretendia assim considerar tudo como falso, era forçoso que eu, que pensava, fosse alguma coisa. Percebi, então que a verdade: *penso, logo existo*, era tão firme e tão certa que nem mesmo as mais extravagantes suposições dos céticos poderiam abalá-la. E, assim julgando, concluí que poderia aceitá-la sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que buscava.

Agora, pode-se lembrar que um bom tempo antes de Descartes, uma notória tentativa de provar a existência de Deus apenas por meio da razão é de Anselmo, em *Proslogium* no ano de 1078. Ele considerava que seu o argumento era autoevidente e assim bastava como prova. Não como uma prova física, e sim metafísica. Mas ela estaria correta? A seguir está o tal argumento de Anselmo, tirado de *Deus: um delírio*, de Dawkins, p. 116-117.

Assim, até mesmo o insensato está convencido de que existe algo no entendimento, pelo menos, maior que o qual nada pode ser concebido. Pois, quando ouve isso, ele entende. E qualquer coisa que seja entendida existe no entendimento. E seguramente aquilo maior que o qual nada pode ser concebido não pode existir apenas no entendimento. Pois suponha que existe apenas no entendimento: então se pode conceber que ele exista na realidade; que é maior.

O argumento de Anselmo, além de confuso, é considerado falho, isso porque o que está no entendimento não é necessariamente contido na mente e assim algo maior do que o que se entende não está obrigatoriamente além da mente, e no caso, no mundo real. É verdade que seria algo maior o que estivesse na mente e também na realidade, mas apenas para esse algo se manter no auge da imaginação, por autodefinição, não o torna real. Erro lógico, que Tomás aponta a seguir e consiste em que a definição do nome do objeto não dá propriedade ao objeto.

Uma proposição é evidente por si se o predicado está incluído na razão do sujeito. Exemplo: o homem é um animal, porque animal faz parte da razão do homem (AQUINO, 2005, q. 2, a. 1).

Mas de onde veio esse problema? Aristóteles chega à conclusão que Deus teria o seu pensar em potência e ato como uno em consequência de ser perfeito. Assim, no parágrafo a seguir, deve-se notar que na realidade de “alguns casos o conhecimento é um objeto” e nesse caso específico deve-se aplicar a Deus.

Que se acrescente que se pensar não é idêntico a ser pensado, por conta do que a excelência vincula-se ao pensamento? De fato, ser um ato do pensar e ser um objeto do pensamento não é o mesmo. A resposta é que em alguns casos o conhecimento é o objeto. [...] Como o pensamento e o ato do pensamento não diferem no que se refere a coisas que não contém matéria, serão idênticos, e o ato do pensar será uno com o objeto do pensamento (ARISTÓTELES, 2006, p. 311).

Dessa forma torna-se evidente que a visão de Aristóteles é realmente base para o argumento ontológico de Anselmo, que não surgiu de sua própria imagina e

que, por sua vez, este argumento será discutido por Tomás de Aquino em *Suma Teológica*, questão 2, artigo 1. No texto a seguir, nota-se que o nome de Anselmo não é citado, apenas o raciocínio, na questão *a ser combatida*.

Diz-se evidente por si aquilo que é conhecido, assim que os seus termos são conhecidos [...]. Por exemplo, ao saber o que é o todo e o que é a parte, sabe-se logo que o todo é maior do que a parte. Ora, basta compreender o que significa o nome *Deus*, e se tem logo que Deus existe. Este nome significa algo acima do qual não se pode conceber um maior; ora, o que existe na realidade e no intelecto é maior do que aquilo que existe só no intelecto. Assim, ao se compreender este nome, *Deus*, ele existe em nosso espírito e consequentemente na realidade. Logo, a existência de Deus é por si evidente.

Logo a seguir Tomás responde refutando a questão acima, como já citado, e então discute um pouco mais ao nos explicar que “talvez aquele que ouve o nome de *Deus* não entenda que ele designa algo que não possa cogitar maior” como uma redundância semântica. Portanto, não se pode dizer que “aquilo que é significado pelo nome exista na realidade, mas apenas na apreensão do intelecto” (q. 2, a. 1). Desta forma não se pode deduzir a existência ou não de Deus, e todo o mais seria pressuposição, algo muito diferente de uma prova metafísica.

Talvez agora seja possível entender melhor o que Aristóteles queria dizer sobre Deus no livro XII da sua *Metafísica*. Deus, por ser perfeito, pensa a si mesmo porque é o que há de melhor; depois pensamento cristão trará o contexto de participar do ser de Deus, na sua intimidade, e, portanto, o sentido último da vida, participar de Deus ao estar junto dele. O texto, a seguir, pode corretamente ilustrar a aceitação da obra de Aristóteles (2006, p. 305) pelos cristãos:

Ora, o pensar em si mesmo ocupa-se com aquilo que é em si mesmo o melhor, e o pensar no mais elevado sentido com aquilo que é no mais elevado sentido o melhor. E o pensamento pensa a si mesmo através da participação no objeto do pensamento. De fato, torna-se um objeto do

pensamento graças ao ato de apreensão e pensar, de sorte que pensamento e objeto do pensamento são idênticos, porque aquilo que é receptivo do objeto do pensamento, isto é, a substância, é pensada. Consequentemente, é o ato e não a potência o elemento divino que parece que o pensamento encerra, e o ato da especulação é o mais prazeroso e melhor. Se, então, Deus está sempre naquele bom estado no qual às vezes estamos, isso suscita nosso maravilhamento, e se num melhor ainda, experimentarmos um maravilhamento ainda maior. E Deus está um estado melhor. Ademais, a vida também pertence a Deus, já que o ato de pensamento é vida, e Deus é esse ato. E o ato essencial de Deus é a vida maximamente boa e eterna. Afirmamos, portanto, que Deus é um ser vivo, eterno, maximamente bom, e portanto a vida e uma contínua existência eterna dizem respeito a Deus, pois isso é que Deus é.

A já citada *Spe Salvi*, n. 12, de Bento XVI, trata o mesmo significado para a eternidade, mostrando que além de ser uma ultrapassagem desse contexto de *antes e depois* será o encontro com a plenitude do ser, e assim a plenitude da vida, algo ainda mais central ao tema do que o olhar de uma nova física. A explicação teológica, de que o homem é um pensamento vivo de Deus, também pode orientar a interpretação do parágrafo a seguir, mostrando que o que Deus pensa é bom e melhor quando este também pensa, tendo o precioso dom da liberdade.

Se a inteligência nada pensa, qual o seu mérito? Estaria num estado semelhante a um homem adormecido. Se pensa, mas alguma outra coisa determina o seu pensar, então – como aquilo que é a sua substância não é o ato de pensar, mas uma potência – não é possível que seja ela a mais excelente substância, pois extrai a sua excelência do ato de pensar. Ademais, seja sua substância a faculdade do pensamento ou o ato de pensar, o que pensa? É necessário que pense a si mesma ou outra coisa; e se outra coisa, então tem que pensar a mesma coisa sempre, ou coisas diferentes em ocasiões diferentes. E então fará alguma diferença, ou não, se pensa o que é bom ou pensa o casual? Decerto seria absurdo para ela pensar certas coisas. Fica claro, portanto, que pensa aquilo que é o mais divino e precioso e não muda, pois a mudança seria para o pior, e qualquer coisa desde jaez implicaria imediatamente algum tipo de movimento. Portanto, se a Inteligência não é o ato do pensar mas uma potência, seria cabível supormos que a continuidade do seu pensar lhe é laboriosa e claramente teria que haver alguma coisa que é mais estimável do



que a Inteligência, ou seja, o objeto do pensamento, pois tanto o pensamento quanto o ato do pensar pertencerão inclusive ao pensador dos piores pensamentos. Portanto, se isso é para ser evitado (como é o caso, porquanto é melhor não ver certas coisas do que vê-las), o pensar não pode ser a melhor das coisas. A conclusão é que a inteligência pensa a si mesma, se é isto o melhor – e o seu pensar é um pensar do pensar (ARISTÓTELES, 2006, p. 310-311).

Mas como saber se isso é verdade? A ideia de um Deus sempre trouxe coerência interna e estética excelentes, satisfazendo o conceito de perfeição na mente das pessoas ao longo das eras, mas até onde isso é real ou construção da fértil imaginação humana? Ou talvez a limpidez dessas ideias fosse um indicativo dela ser real? Descartes usa na sua argumentação termos como “podia acreditar” e “é menos repugnante admitir” na sua *estética de pensamento* de uma forma mais direta do que Aristóteles na sua demonstração da existência de Deus, como Descartes explica, em *Discurso do Método*, logo a seguir:

No que concerne aos pensamentos que tinha sobre várias outras coisas exteriores a mim, como o céu, a terra, a luz, o calor e milhares de outras, não me era tão difícil saber de onde provinham, porque, não vendo nelas nada que me parecesse torná-las superiores a mim, podia acreditar que, se eram verdadeiras, eram dependentes da minha natureza, do que esta tinha de perfeição, e, se não o eram, isso significava que provinham do nada, isto é, que me haviam sido inspiradas pelo que eu tinha de falho. O mesmo, porém, não podia suceder com a ideia de um ser mais perfeito do que eu, pois era manifestamente impossível tirá-la do nada. E, uma vez que não é menos repugnante admitir o mais perfeito como resultado e dependência do menos perfeito do que admitir que do nada procede alguma coisa, torna-se claro que tampouco de mim poderia eu tê-la recebido. Chegava, assim, à conclusão de que fora em mim introduzida por uma natureza verdadeiramente mais perfeita do que eu e encerrasse em si todas as perfeições das quais pudesse eu fazer ideia, isto é, para explicar-me numa só palavra: Deus (p. 42-43).

René Descartes retorna à questão das ideias existirem no intelecto e está convencido de que isso prova a existência de Deus, conforme Tomás de Aquino, e

vê na perfeição e bondade de Deus que a ideia da sua existência tenha sido colocada em nós. Note o convencimento de Descartes quando ele cita que “devem ter um fundamento de verdade” como se não houvesse outra explicação possível. A seguir esse pensamento é exposto, tal como a passagem bíblica que lhe dá apoio, visto que esta poderia ter levado o filósofo a chegar à sua conclusão.

Mesmo supondo que sonhava e que tudo o que via ou imaginava era falso, nem por isso podia negar que as ideias a respeito existiam de fato no meu pensamento. [...] Quer acordados, quer dormindo, nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência da nossa razão. Note-se que digo da nossa razão, e não da nossa imaginação ou dos nossos sentidos. [...] Todas as nossas ideias ou noções devem ter um fundamento de verdade, pois de outra forma não seria possível que Deus, sendo absolutamente perfeito e verdadeiro, as tivesse posto em nós (DESCARTES, 2003, p. 43, 46 e 46).

Vocês não foram tentados além do que podiam suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejam tentados acima das forças que vocês têm. Mas, junto com a tentação, ele dará a vocês os meios de sair dela e a força para suportá-la (1Cor 10,13).

Portanto, o pensamento de Anselmo não pode ser tratado como um dogma e nem ridicularizado, trata-se de um evento histórico com os erros e acertos que definem o esforço humano para uma resposta às suas mais profundas inquietações. Tal como não existe certo ou errado nas teorias científicas o mesmo pode valer para algumas construções filosóficas, elas sempre representam o pensamento de um tempo, com seus valores e significados, que contribuem para o avanço do conhecimento humano ao longo da história. Ao argumento de Anselmo, não cabe nem mais e nem menos do que isso para o nosso julgamento.

## Capítulo 7

### A CONECTIVIDADE ENTRE A ALMA E O CORPO

A alma existe? Entende-se por alma aquilo que anima o corpo, visto que para Tomás de Aquino os animais possuem almas, pois são animados, mas estas almas não subsistem após separadas dos corpos, a alma humana, ao contrário continua existindo. Para os ateus a mente humana é gerada pelas reações físicas e químicas do cérebro, quando o corpo morre, a mente que anima o corpo simplesmente deixa de existir. Para Agostinho, a alma pode ir para o paraíso, que é a bem-aventurança, ou para o inferno, o que significa deixar de existir.

Na Grécia antiga, Platão pensava que as almas se uniam aos corpos durante o nascimento e depois da morte vagavam até encontrar outro corpo para nascer novamente, num contínuo processo de reencanação. Com o advento do cristianismo houve outro conceito: “Os homens morrem uma só vez e depois disso vem o julgamento” (Hb 9,27). Então, para o nosso conceito de alma vamos pensar em uma substância única, imaterial e que neste universo material seja, só uma vez, unida ao corpo como um veículo ou, segundo Platão, o cárcere da alma.

Uma vez que a alma exista ela deve se conectar ao corpo de alguma forma. A medicina já sabe que a autoconsciência reside no sistema nervoso e de modo especial no cérebro, e pode-se viver sem alguns pedaços do cérebro. Mas quanto do cérebro poderia ser retirado? Ou melhor, seria possível dividir o cérebro em dois, já que é simétrico, e cada pedaço ser uma consciência própria e independente? Se a mente puder ser dividida, então ela seria um simples resultado de reações físico-químicas do cérebro e não a manifestação de algo sobrenatural.

Tal experimento, de separar o cérebro humano ao meio, lidaria com inúmeras dificuldades técnicas e legislativas, porém a mais significativa deverá ser: o voluntário. Bastaria que um único experimento funcionasse para causar uma inimaginável dor de cabeça em todos os teólogos do mundo, mas em matéria de ciência é preciso lembrar que muitas tentativas são necessárias até se chegar ao sucesso. E se o cérebro dividido em dois continuar agindo como uma unidade, isto provaria que a alma é uma entidade sobrenatural?

Quando a alma se liga ao corpo? A medicina considerou a concepção como o momento que começa a existir um ser humano único. Entretanto um embrião pode se dividir em gêmeos idênticos. Chegou alguma alma nova ou ela se dividiu? Uma quimera é quando dois embriões se unem e se tornam um único ser com duas cargas genéticas. Uma alma foi jogada fora ou a alma chegou depois? Tais questões são importantes sobre o aborto porque trata-se de um argumento relevante.

E se a construção de uma inteligência artificial se tornar realidade no futuro? A pergunta se ela possuiria uma alma ou não seria muito relevante. Baseando-se na frase “penso, logo existo” de Descartes, onde o pensar é prova de existir, poderia também apontar para um existir em sentido sobrenatural. Assim, uma inteligência artificial teria direitos civis? Seriam pessoas, e como todo cidadão podendo votar e ser candidatos na política.

As pessoas dessa “nova espécie”, criada pela humanidade, seriam netas de Deus como nós somos filhos? A humanidade está pronta para ser coautora da vida? Como cuidamos da nossa própria espécie? Os computadores receberiam almas tal como os corpos humanos? Uma inteligência artificial, sendo uma pessoa, também poderia ser batizada tal como todo ser humano.

Para explorar melhor essa possibilidade, imaginemos que uma inteligência artificial ou uma mente humana ligada a uma simulação de realidade virtual de um computador, poderia ter regras de interatividade com o ambiente virtual tal como em um corpo ou sem o corpo. No nosso mundo a inteligência ligada ao corpo é chamada de alma e a inteligência que não precisa de corpo é chamada de anjo. Assim as regras para um anjo na nossa realidade teria semelhança a um navegante da internet em sua ação pela rede.

Nas questões 52 e 53, da *Suma Teológica*, Tomás fala do lugar e do movimento dos anjos. Seres espirituais só possuem a “quantidade virtual”, assim quando um anjo aplica o seu poder a um lugar, concentrando-se lá, se diz que ele está lá, tal como a alma humana está ligada ao seu corpo. O anjo só pode estar em um lugar, concentrando-se, por vez e nem pode mais de um anjo estar simultaneamente no mesmo lugar, por sua ação. Este pode mover a sua presença de forma contínua de um lugar a outro, como uma pessoa se move, ou de forma descontínua, como em um teleporte, já que não é um ser material.

Tomás também explica sobre como um anjo, ser espiritual, poderia assumir a forma física na questão 51 da *Suma Teológica*. Anjo é entendido como substância intelectual que não esteja naturalmente unida a um corpo, mas que possa interagir com a matéria assumindo um corpo quando necessário. Tal corpo teria as funções vitais iguais às dos homens na proporção que fosse necessário, como a fala, o tato e a visão, mas excluindo a capacidade reprodutiva já que esta matéria é vista como simples condensação do ar e não algo propriamente biológico.

Neste momento seria bom fazer uma comparação com a trilogia de filmes *Matrix* (1999, 2003 e 2003), onde os personagens estão imersos em uma realidade virtual gerada por computador que lhes parece ser o mundo real. Não se pode

dizer que essa tenha sido a intenção do autor, mas há uma grande semelhança, sendo mera coincidência ou não, em que o Arquiteto poderia ser visto como Deus, a Oráculo como o Diabo e todos os programas rebeldes ou não como anjos. Dentro de uma interpretação evangélica, comum nos EUA, o Morpheus seria o falso profeta e o Neo o anticristo. Nesse olhar, o bem e do mal estão invertidos!

Agora nos cabe discutir a origem das almas, elas foram criadas neste universo ou já existiam antes de serem ligadas aos corpos? Se elas existiram em outro lugar antes desse universo material elas deveriam nascer com alguma memória, mas a memória é um sentido interno do nosso cérebro gravado quimicamente neste. Logo, ao deixar o corpo a memória também seria perdida, mas Tomás explica que a alma separada do corpo pode lembrar-se dessa vida, “o ato da ciência adquirida permanece na alma separada, mas não da mesma maneira” (2005, q. 89, a. 6). Assim haveria uma forma diferente de memória?

Embora, na *Suma Teológica*, Tomás rejeita que a alma tenha sido unida ao corpo de modo accidental, ou seja, tenha tido uma história antes de ser enviada a este universo, ele cita (q. 118, a. 3) que o livro dos *Dogmas Eclesiásticos* diz: “A alma é criada simultaneamente com o corpo”. Ao seu entender, a natureza da alma é estar ligada ao corpo, tal como Deus não criaria o homem sem o pé ou sem a mão, já que são partes naturais suas e necessárias para agirmos neste universo. Assim, Tomás ataca o pensamento de Orígenes sobre a origem na alma humana, como está na *Suma Teológica*, a seguir:

No dizer de Orígenes, não apenas a alma do primeiro homem, mas as almas de todos os homens foram criadas antes dos corpos, ao mesmo tempo que os anjos, e acreditava, por isso, que todas as substâncias espirituais, tanto as almas como os anjos, eram iguais segundo a condição de sua natureza e somente pelos merecimentos [como forma de evolução] se diferenciavam. Assim, algumas estão ligadas a corpos, as almas dos

homens e dos corpos celestes, enquanto outras ficam em sua pureza, distribuídas em diversas ordens (q. 90, a. 4).

Ficou também provado que a alma humana não é da mesma natureza que os anjos, por causa da diferente maneira de conhecer. O homem, com efeito, conhece por meio dos sentidos e voltando-se para as representações imaginárias. Portanto, sua alma precisa estar unida ao corpo que é necessário para a operação da parte sensitiva. O que não se pode dizer dos anjos. [...] Se a alma está unida ao corpo independente da vontade e da natureza, é porque Ihe foi imposto por uma causa que Ihe faz violência, e então ser-Ihe-á algo penoso e triste, o que é costume com o erro de Orígenes, que afirmou que as almas se encarnaram como pena do pecado (q. 118, a. 3).

Sabe-se que Orígenes não foi canonizado pela Igreja e a questão da origem da alma, com a sua *pré-existência*, é um dos motivos. Para um católico um dogma é uma verdade revelada que nunca será mudada, porém pode ser explicado melhor. Se na definição “a alma é criada simultaneamente com o corpo”, a palavra “criada” significa começar a existir neste universo, mesmo que ela já existisse em outra realidade, então Orígenes não estaria errado nisso. Ele apenas teria sido mal interpretado, porque o conceito de alma de Tomás se refere ao que anima o corpo, onde essa ligação com o corpo foi intencional desde a criação da alma.

Se isto for verdade, sobre a pré-existência da alma, então a visão das Escrituras teria novos significados metafísicos. Isso é importante para explicar a origem do mal referente ao que se entende como pecado original, já que Deus não seria justo se criasse uma alma já pecadora ou com um defeito de fábrica por culpa de outros. Faria mais sentido se toda a humanidade (todos nós) tivesse feito algo de errado antes de cada um ser mandado para este universo. A reflexão a seguir explora como isso poderia ser dentro do contexto católico, lógico que abusando da imaginação ou trazendo dados muito à frente de nosso tempo...

As almas, criadas do nada, seriam instruídas através de várias realidades? Talvez, realidades como este universo seriam simbolizadas pelas árvores no jardim do paraíso, e as nossas almas pela figura de Adão e Eva, ou seja, eles são o nosso passado de que não podemos lembrar usando o corpo deste universo material. A árvore do centro do jardim, a árvore da Sabedoria, a qual nós fomos proibidos de comer os frutos representaria este universo, a etapa final da instrução das almas, que traz em si o conhecimento do bem e do mal, assim o sentido da vida, ou ao menos dessa passagem por este universo, é “a escolha de querer existir”.

Decidir aceitar ou não a existência dada por Deus precisa de amadurecimento e, ainda, a alma morreria ao comer do fruto, que poderia ser por não aceitar a doação de si mesmo (a cruz, a superação do egoísmo) que é própria do amor ou então morreria como uma semente ao germinar, a opção melhor. Porém algumas almas já bem desenvolvidas (anjos) se rebelaram contra Deus ao não aceitar a doação de si na *radicalidade* que é própria à essência do amor, sendo o líder dessas pessoas o Diabo, cujo nome significa *aquele que divide*. Além da recusa irrevogável por Deus, eles invejaram os pequenos (nós) que um dia receberíamos a graça que eles queriam, mas desprezaram a forma de participar dela (Sb 2,24).

Então envolveram os pequenos na rebelião, o que seria simbolizado pela serpente levando Eva a desobediência a Deus. O pecado original destes pequenos não era em plena consciência, e sim indução ao erro e Maria seria uma alma que não estava envolvida nessa bagunça, por isso a concepção imaculada, sem o pecado original. Como a humanidade, dotada de livre arbítrio, desobedeceu teve por punição ser envidada para este universo sem estar preparada, mas também lhe foi enviado o socorro: Jesus. A decisão de existir ou não, de aderir totalmente ao amor de Deus ou não, é aqui ou nunca. Há uma só vida e depois vem o julgamento!



E o que será depois? Surpresa! Mas como na descrição, figurativa, da nova Jerusalém (a nova sociedade) há várias árvores da Sabedoria, isso significa que esse tipo de universo continuará tendo utilidade? Os anjos seriam como o irmão mais velho na parábola do filho pródigo? Essa hipótese é fruto de revelação ou apenas uma montagem criativa? Não se pode dizer que isso seja aceito pela Igreja, pelo menos ainda não... Mas dentro do nosso olhar filosófico a hipótese citada apresenta uma ordem simples e criativa com coerência interna, que pode alimentar tanto uma heresia, como uma boa reflexão que ajude a aprofundar o assunto. E até em uma hipótese errada, o seu questionamento é útil para aprender.

Além do mais, é fácil ver o julgamento das almas no contexto de um pai bondoso que quer os seus filhos de volta (Lc 15,11-32), lhe dá tempo e condições suficientes (mesmo difíceis), mas exige que sejam capazes de respeitarem a si mesmo e aos outros. Uma reflexão que ilustra claramente a necessidade de um inferno é esta: Se Deus deixasse os fofoqueiros entrarem no paraíso, este continuaria sendo um paraíso? São Cipriano que disse que “fora da Igreja não há salvação” e hoje a Igreja Católica entende que igreja, do grego *ecclesia*, é *comunidade* de amor, justiça e fraternidade, e mesmo fora da instituição católica é possível participar dessa Igreja na vivência do amor e assim ser salvo (CIC 846-848).

Assim, a famosa rebelião do Diabo (Is 14,3-23; Ez 28,1-19), seria o primeiro marco do antropocentrismo, em repúdio ao teocentrismo, o que a humanidade só veio a conhecer após a Idade Média. Resumindo: “Para que viver em função de Deus se a vida é sua?”. O conceito de adorar significa *amar acima de tudo*, assim o antropocentrismo tira o eixo de Deus e o transfere ao próprio ego, na sua forma de pensar e sentir. Isso aparenta ser a proposta do Diabo? A forma como a sociedade cada vez mais insiste nessa mudança de eixo, na prática, dá coerência à fama de

retrógrada da Igreja, na sua missão de religar a Deus. Religião é retorno, religião é admitir a imaturidade frente à liberdade.

Também é útil destacar que, mesmo Tomás de Aquino sendo um doutor da Igreja, o seu trabalho é baseado no trabalho de Aristóteles, tanto nos livros da *Física* como na *Metafísica*. Dos quais Tomás cita que “nada se move naturalmente com movimento retilíneo, a não ser estando fora de seu lugar” (2005, q. 7, a. 3). Hoje, qualquer aluno de 15 anos tem a obrigação de saber que Isaac Newton corrigiu o conceito de inércia ao explicar que o movimento do corpo é retilíneo, o que é conhecido como a 1ª lei de Newton. Tomás não deve ser avaliado segundo o olhar científico desta época e sim como ele aprendeu o sentido simbólico. Sem dúvida o seu trabalho é excelente, mas não é aprova de erros.

Na Idade Média os homens da Igreja tendiam a uma interpretação mais literal da Bíblia, tanto que hoje é gritante, na *Suma Teológica*, a visão literal de Tomás sobre a origem do homem tirado do barro (q. 91, a. 1). E nisso devemos lembrar que a física aristotélica vê a matéria nos elementos terra, ar, água e fogo, tal como ele vê que os anjos podem assumir a forma física mediante a condensação do ar (q. 51, a. 2). O que faz o fiel lembrar que, como se costuma dizer em teologia, “a Bíblia foi inspirada por Deus, mas escrita por mãos humanas”, um católico precisa olhar para Tomás de Aquino da mesma forma.

## Capítulo 8

### EXPANDINDO A QUESTÃO DA ALMA PARA O UNIVERSO

Com o avanço da ciência sabe-se que o universo tem  $13,7 \pm 0,2$  bilhões de anos e estima-se atualmente que tenha 100 bilhões de galáxias e cada uma delas tem, em média, 100 bilhões de estrelas. Sabe-se que na grande maioria delas não adianta esperar que exista vida, muito menos vida inteligente, mas em tão grande número seria infantil pensar que estejamos sozinhos no universo. E para o cristianismo é fato dizer que, se houver vida em outros planetas, ela foi criada por Deus. E o nosso problema, que exige uma estatística absurda, é que “Cristo morreu uma *única vez pelos pecados*” (1Pd 3,18). Em todo o universo, isto foi aqui na Terra!

Para a Igreja católica alguns pontos são dogmaticamente literais, tal como a presença real de Cristo na Eucaristia, a sua ressurreição (1Cor 15,14) e, como já dito, que “Cristo morreu uma *única vez pelos pecados*” (1Pd 3,18). Isso obriga a fé católica ao geocentrismo no sentido teológico (não astronômico) porque o evento mais importante de universo: a salvação pelo sacrifício do Filho único de Deus foi neste planeta, entre 100 bilhões de galáxia, com média de 100 bilhões de estrelas. Portanto, esse absurdo estatístico seria proporcional ou maior ao absurdo de alguém mais ter vindo até este planeta e haver referências bíblicas a extraterrestres. Por que isso não é investigado com o devido respeito?

Sobre essa questão devemos ter um olhar filosófico e avaliá-la sobre os assuntos já levantados neste material. Quando foi comentado o milagre do sol, em Fátima, uma possibilidade de interpretação, obviamente a mais absurda, foi uma conexão entre a hipótese dos *antigos astronautas*, de Erich von Däniken, reverten-

do o olhar da pergunta se eles teriam o mesmo Deus de Abraão e estariam também envolvidos na história bíblica. Vale lembrar que isso é repudiado pelos teólogos mais sérios e que os documentos da Igreja Católica mostram que esse raciocínio é totalmente desnecessário, pelo menos até agora.

Então, com base capítulo anterior, vamos imaginar que este universo seja a etapa final do desenvolvimento das almas e que as almas mais jovens que se envolveram na rebelião tenham sido enviadas para esse planeta, por isso Jesus nasceu aqui e não em outro planeta. Assim, as almas que teriam nascido em outros planetas, talvez, seriam as que estão no nível certo de desenvolvimento para passarem por este universo e enfim receberem a bem-aventurança. Como para Orígenes não havia diferença, na origem, entre as almas e os anjos, poderíamos ter pessoas de carne e osso, ou seja, anjos realmente encarnados universo afora?

Isso tudo é muito estranho! Mas como queremos explorar as possibilidades com o olhar filosófico e ver como isso poderia fazer parte ou não de uma análise metafísica sobre Deus, então isto é pertinente. Bem, sobre os anjos, esta palavra significa *embaixador* em hebraico e *mensageiro* em grego. “Porventura não são todos eles *espíritos* servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação?” (Hb 1,14). A *amplitude da palavra* anjo seria também para toda *alma* servidora no projeto da salvação? No mesmo sentido de amplitude de palavra temos *irmão*, que em aramaico “podia indicar não somente filhos dos mesmos pais, mas também os primos ou parentes mais distantes” (CNBB, 2007, p. 143).

Sobre os anjos, a Igreja afirma que “a existência de seres espirituais, não corporais, que a Sagrada Escritura chama *habitualmente* de anjos, é uma verdade de fé” (CIC, n. 328), em que “como criaturas *puramente espirituais*, são dotados de inteligência e de vontade: são criaturas pessoais e imortais” (CIC, n. 330). “Anjo é

designação de encargo, não de natureza. Se perguntares pela designação da natureza, é um espírito; se perguntares pelo encargo, é um anjo: é espírito por aquilo que é, é anjo por aquilo que faz” (Agostinho, citado em CIC, n. 329). Assim, encaixar os anjos nessa hipótese, força bastante ao ligar *puro espírito* com *alma pura*, e assim vê-los como pessoas de carne e osso e muita fé (Gn 18,8) juntos com os seres puramente espirituais (Tb 12,19) em que focaliza a tradição da Igreja.

Com base no capítulo anterior, anjos puramente espirituais seriam os que ainda não chegaram ao ponto de passarem por esse universo e estão mais avançados do que nós, porém deles nós passamos a frente com o pecado original de uma forma desastrosa quando fomos envidados para esse universo sem estarmos prontos para tal. Anjos de carne e osso, ou seja, encarnados, e assim fora da definição de anjo por Tomás de Aquino, nessa hipótese, seriam descritos a seguir:

Por isso, devemos levar mais a sério a mensagem que ouvimos, se não quisermos *perder o rumo*. De fato, se a palavra transmitida por meio dos anjos [Hb 9,10] se mostrou válida, e toda transgressão e desobediência recebeu um justo castigo, como poderemos nós escapar do castigo, se não dermos atenção a uma salvação tão grande? De fato, depois de ter sido promulgada no início pelo Senhor [através dos anjos], essa mesma salvação foi confirmada no meio de nós por aqueles que tinham ouvido; e Deus apoiava o testemunho deles, mediante sinais, prodígios e milagres de todo tipo e dons do Espírito Santo (Hb 2,1-4).

Na hipótese extraterrestre a *glória* e a *nuvem* seriam mais que uma expressão simbólica, seria um objeto, em especial uma nave espacial. Então, quando se lê que “a nuvem indica a presença do Espírito Santo” (CIC, n. 555) deve-se focalizar que Deus habita *entre nós*. Assim, poderia ser complementar ou não? Isso seria agir em nome de Deus como em Moisés (Ex 24,15-18) e na dedicação ao templo quando Deus “habitava em densa nuvem” (2Rs 8,14). Entende-se a nuvem como um símbolo que “revela o Deus vivo e salvador, escondendo a transcendência de

sua Glória” (CIC, n. 697) e a palavra glória, no auge do seu significado, mostra que a glória de Cristo é o Amor que vence a cruz! Na glória está o amor.

E Jesus “está acima dos anjos” (Hb 1,4), tal que Deus disse: “Todos os anjos devem adorá-lo” (Hb 1,6). E nós temos uma aliança desde Abraão, pois “nele serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 18,18), tal que no tempo de Moisés Deus ouviu as preces de seu povo e “enviou um anjo que os libertou do Egito” (cf. Nm 20,16). Ao Egito que havia matado as crianças hebraicas (Ex 1,22), os seus primogênitos foram mortos pelo “Exterminador” (Ex 12,23), que eram “anjos portadores de desgraças” (Sl 78,49). O quanto esse episódio é literal ou não nos obriga a pensar nas questões éticas envolvidas na morte de crianças (Sb 4,7-20), e como isso deve ser interpretado no aspecto simbólico (1Cor 10,11).

É preciso lembrar do livro *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells, de 1898, narrando a invasão da Terra pelos marcianos em naves e lançando raios mortais. Enquanto na Bíblia lê-se que a “glória do Senhor se manifestou a toda comunidade” (Nm 16,19) e depois “um fogo enviado pelo Senhor devorou” (Nm 16,35) os baderneiros (Sl 50). Tal comparação faz parecer que talvez algumas obras de ficção façam parte de uma conspiração demoníaca para abalar a fé das pessoas e deixá-las com medo do momento de contato com estes extraterrestres, que virão em paz, mas no sentido em que “a paz é fruto da justiça” (Is 32,17).

No nascimento de Jesus a “*estrela*, que [os magos] tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a *estrela*, os magos ficaram radiantes de alegria” (Mt 2,9-10) e sobre alguns pastores, “a glória do Senhor os envolveu em luz” (Lc 2,9), depois de cantarem em coral “os anjos se afastaram, voltando para o céu” (Lc 2,15). Porém isso pode explicado como um cometa, meteoros, uma conjunção planetária ou a vontade do

autor em dizer por meio da *estrela* que o verdadeiro Filho de Deus é Jesus de Nazaré e não o imperador Augusto (Lc 2,1), que na passagem de um cometa em 44 a.C. usou isso como argumento de ser ele o Filho de Deus.

E sobre luzes no céu, o Papa São Gregório Magno relata, em *Vida e Milagres de São Bento*, página 116, que São Bento “viu projetar-se do alto *uma luz* que, difundindo-se em redor, afugentava todas as trevas da noite e brilhava com tanto fulgor que, resplandecendo no meio da escuridão, era superior à do dia” que resultou em uma visão interior da alma de São Germano, “vendo o *globo de fogo*, via também os anjos que subiam ao céu” na luz de Deus. “Ao brilhar aquela *luz exteriormente* ante seus olhos, projetou-se por sua vez uma *luz interior* em sua mente”, afirmou o papa. Seria um cometa, um meteoro explodindo ou simplesmente tudo culpa do escriba que inventou uma descrição poética?

Existem três tipos distintos de visões: a visão exterior (pelos olhos), a visão interior (formada na mente) e a visão intelectual (entender). Assim a visão de São Bento entra em consonância com a conversão de São Paulo, em At 9,3-7; 22,6-10; 26,13-18. Pois, Paulo “viu-se cercado por uma luz que vinha do céu” (At 9,3) envolvendo ele e seus companheiros (At 26,13) que também “viam a luz, mas não ouviam a voz” (At 22,9). Porém, quando Jesus falava a Paulo, eles devem ter ouvido alguma coisa porque “ouviam a voz [ou um barulho], mas não viam ninguém” (At 9,7) na visão interior. Isto costuma ser entendido como uma alegoria.

Voltando ao milagre do sol em Fátima, de 13 de outubro, é preciso associá-lo à condenação de Galileu Galilei em 1632 quando sugeriu aos seus inquisidores uma melhor interpretação de que Deus “fez a sombra recuar dez degraus que o sol já havia descido” (2Rs 20,11; Is 38,8) no relógio de sol. Nisso aconteceu algo semelhante com o sol em Josué (Js 10,7-15), onde chovia granizo e devia estar

nublado, como em Fátima. A Igreja foi excessivamente prudente sobre o modelo heliocêntrico, mas Galileu, mesmo sem todas as provas científicas, ainda estava certo... Ela só acreditou no heliocentrismo quando todas as provas científicas foram concluídas (Jo 20,25), o que só ocorreu com o pêndulo de Foucault em 1851.

Sobre obras de arte, deve-se ler *Arte e ufo?* do italiano Diego Cuoghi, disponível em [www.sprezzatura.it](http://www.sprezzatura.it). O seu ceticismo destaca o valor de analisar o contexto, comparando as obras da mesma cultura entre si. Como exemplo, na obra a seguir parece haver duas naves tripuladas, mas encontramos em outras pinturas sacras sinais de serem mais um símbolo comum do Sol e da Lua com rostos. Porém, se alguém visse uma nave extraterrestre naquela época, provavelmente a retrataria exatamente desta forma para não ter problemas.

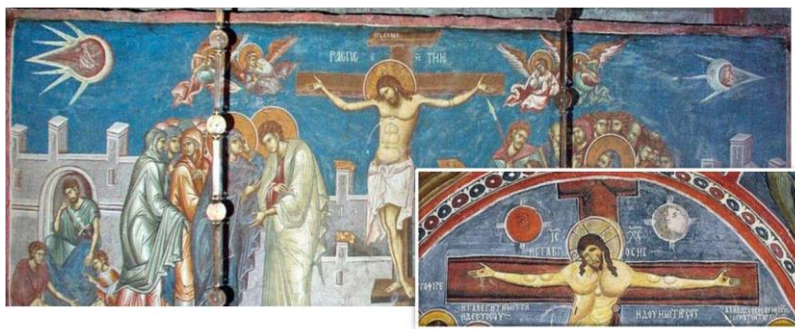


Imagem da Crucificação de Monastero di Visoki Decani, em Kosovo, com uma montagem de outra obra da época, ambas de [www.sprezzatura.it/Arte/Arte\\_UFO.htm](http://www.sprezzatura.it/Arte/Arte_UFO.htm).

A seguir há uma obra renascentista e muito famosa nesse contexto, onde o artista mostra a glória de Deus no nascimento de Jesus como uma nuvem. Provavelmente o artista tenha visto *nuvens lenticulares* (fáceis de encontrar na internet),



que são formações naturais e dessa maneira tenha desejado demonstrar a beleza da natureza em sua obra. Outro detalhe é a expressão da auréola que vemos na cabeça de Maria e esta não pode ser literal. Diego Cuoghi também ressalta que os raios saindo da nuvem são no mesmo estilo que outras decorações abundantes no quadro, assim não são provas evidentes de ser uma nave espacial.



*Madonna con Bambino e San Giovannino*, atribuída a Sebastiano Mainardi e a Jacopo del Sellaio. Imagem de Diego Cuoghi encontrada em [www.sprezzatura.it](http://www.sprezzatura.it).

Se para Aristóteles e São Tomás de Aquino, a origem de tudo o que existe e a ordem e a beleza da natureza serem argumentos metafísicos da existência de Deus, então como não poderia ser o fato deste universo ser tão grande e antigo, e ninguém ter vindo aqui, na Terra? Sendo que em todo o universo, para o cristianismo, o Filho de Deus passou neste planeta?

Se a noção atual do tamanho do universo existisse no tempo deles, isto seria assunto da investigação filosófica. Sob a óptica religiosa, se a Terra realmente estiver sendo visita a milhões de anos, faria sentido: “Não sejas humilde com a tua sabedoria, para que humilhado, não te seduza a insensatez” (Eclo 13,11), e ficaria claro que a melhor forma de esconder um segredo é contar a verdade de uma forma que ninguém acredite.

O filme *Contato*, de 1997, baseado na obra de Carl Sagan, apresenta, sobre a questão da vida extraterrestre, a *Navalha de Ockham*, desenvolvida pelo monge inglês William de Ockham. Essa pode ser enunciada como: “Se em tudo o mais forem idênticas as várias explicações de um fenômeno, a mais simples é a melhor”. Seguindo este princípio e tendo como base o que a ciência já tem provado até hoje a melhor solução lógica é *não acreditar* que estejamos sendo visitados por extraterrestres e, talvez, a melhor solução em termos de fé seja entregar a questão nas mãos de Deus, adicionando o fato de que a Igreja tem mais o que fazer.

Desde o tempo de Orígenes a Igreja aprendeu a valorizar a alegoria, entretanto, o abuso desta para conciliar a ciência e a religião vem tornando os relatos bíblicos tão tênues e etéreos que logo alguns teólogos católicos poderão ser ateus profundamente religiosos, tal como Einstein se considerava. Independente da hipótese extraterrestre ter algo de verdadeiro ou não, a sua reflexão lança uma importante crítica sobre a interpretação, que exigirá mais da metafísica. Se a metafísica atual seguisse o pensamento integrado de Aristóteles, ela voltaria o seu olhar para todo o universo e para a existência de Deus.

Por que esse comentário sobre Aristóteles? Na Grécia antiga se imaginava que o universo era formado pela Terra composta dos elementos terra, água, ar e fogo, enquanto a Lua, o Sol, os planetas e as estrelas fixas como sendo de éter. Nota-se que a visão astronômica que sustenta a nossa teologia ainda se baseia em um universo composto de estrelas como pontos fixos e não sob o entendimento do Sol ser apenas mais uma estrela entre bilhões e bilhões. Ainda não existe uma metafísica capaz de incorporar os novos avanços da física e da astronomia.

## Capítulo 9

### A NOVA BUSCA PELA ORIGEM DE TODAS AS COISAS

Os filósofos gregos buscaram a origem de todas as coisas e Aristóteles chegou à conclusão que esta origem seria Deus, e desta forma o pensamento racional encontrou como resultado que um Deus seria necessário. E se não fosse? A busca para explicar tudo o que existe continua hoje com a física. Alguns olham para a ciência como um meio para entender a obra de Deus e outros como o meio para mostrar que Deus não é necessário para que algo exista ao invés do nada. O questionamento dos primeiros filósofos continua na filosofia natural, ou seja, na física. Não se fala mais em arché, mas existem outros nomes.

Então, o que é a matéria e como ela pode ter um início? Para começar essa história é preciso saber que o alemão Max Planck, em 1900, ao estudar a luz emitida por objetos aquecidos, entendeu que a onda eletromagnética era emitida pelos átomos na forma de pequenas quantidades de energia, assim ele as definiu com *quanta* de energia. Nasce a Física Quântica. Como a luz visível faz parte do espectro das ondas eletromagnéticas esse quantum de luz também é chamado de *fóton*. É o início de uma revolução, da qual a física nunca mais será a mesma...

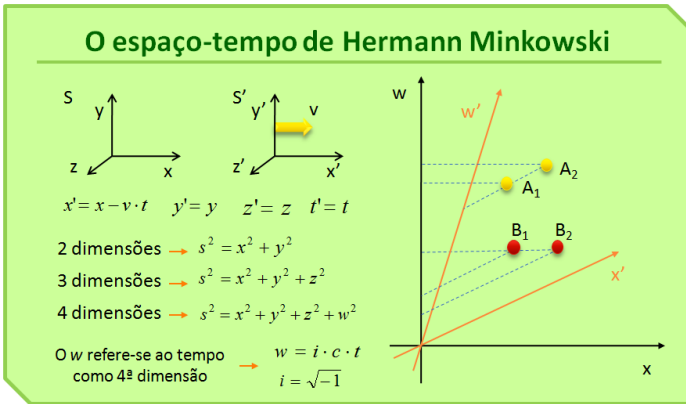
Entre Deus e ciência natural não encontramos qualquer contradição. Eles não se excluem, como hoje alguns creem e temem; eles completam-se e implicam-se mutuamente (PLANCK *apud* YOUCAT, 2011, p. 27).

O alemão Albert Einstein, em 1905, afirmou que a velocidade da luz era uma constante e para que isso fosse verdade o espaço e o tempo deviam ser interligados de forma a poderem se esticar e se contrair para manter o equilíbrio. Uma consequência é que velocidade da luz (300.000 km/s) era o máximo possível no

universo e um objeto, ao ganhar velocidade, teria a sua massa aumentada com a energia dada ao movimento segundo  $E=mc^2$ . A conclusão é que a própria massa é uma forma da energia estar armazenada, e da sua manipulação, por meio da quebra de átomos, será possível imaginar a construção das bombas atômicas.

No trabalho de 1905 Einstein explicou que o universo tinha 4 dimensões, sendo as 3 dimensões do espaço (altura, largura e profundidade) e o tempo a 4ª dimensão. Quando um objeto se move o espaço-tempo é distorcido, esticando o tempo e contraindo o espaço, ou seja, o seu tempo passa mais devagar e o espaço fica menor no sentido do movimento, isso para um observador parado. Outro efeito é que a energia dada ao objeto aumenta a massa dele, não o número de átomos, mas cada átomo tem a sua massa aumentada. Em 1916 Einstein explica que a gravidade é uma distorção do espaço-tempo gerada pela presença da massa.

Um professor de Einstein, Hermann Minkowski, não deu credibilidade nele quando ainda era seu aluno, porém depois foi um grande defensor e colaborador, desenvolvendo melhor a ideia de espaço-tempo. O diagrama a seguir, mostra como dois eventos, A e B, podem ser simultâneos ou não conforme o referencial. Nota-se que os eventos  $A_1$  e  $A_2$  são simultâneos para  $S'$ , mas não o são para  $S$ , e o contrário para  $B_1$  e  $B_2$ . Quanto maior a velocidade do referencial  $S'$  em relação a  $S$  maior é a inclinação dos seus eixos para com o referencial  $S$  no diagrama.



Referenciais com velocidade entre si e o diagrama espaço-tempo de Minkowski.

Mas até então, o átomo era imaginado como uma esfera maciça com elétrons encravados nela, somente em 1911 o neozelandês Ernest Rutherford demonstrou que o átomo era um pequeno núcleo com elétrons orbitando ao seu redor. O estranho foi em 1924, quando o francês Louis de Broglie entendeu que as órbitas dos elétrons podiam ser comparadas com ondas estacionárias formadas ao longo da circunferência da órbita. A conclusão é que as partículas são pacotinhos de ondas, algo que foi comprovado com a difração de elétrons em 1927.

Assim, as partículas que compõem o átomo são formadas de ondas, que de alguma forma estão “empacotadas”. Algo que dá a ilusão de serem partículas bem definidas, mas quando são feitos experimentos mais precisos, a realidade se mostra bem diferente da física que Isaac Newton imaginava! Devido ao efeito ondulatório da matéria, Werner Heisemberg conseguiu, em 1927, desenvolver o *princípio da incerteza*. Este mostra que, quanto maior a exatidão com que se pode

conhecer uma grandeza do objeto estudado, menor será a exatidão com que se pode conhecer outra grandeza do mesmo objeto.

Em 1928 o físico Paul Dirac previu teoricamente a existência de uma partícula idêntica ao elétron, porém com a carga elétrica invertida, ou seja, enquanto o elétron tem carga elétrica negativa, este antielétron tem carga positiva, passou a ser chamado de pósitron e foi detectado em 1932. Então, foi consequência perceber que toda partícula tinha a sua própria antipartícula por uma questão de simetria. Quando uma partícula e a sua correspondente antipartícula se encontram as duas se aniquilam liberando a massa das duas na forma de energia.

O princípio da incerteza abriu os olhos dos cientistas de que o “vazio” não era tão vazio quanto se imaginava, este estaria preenchido, ou seja, “fervilhando” de pares de partículas e antipartículas virtuais. O famoso físico inglês Stephen Hawking ganhou um prêmio Nobel ao explicar como as partículas virtuais de massa negativa são sugadas pelos buracos negros, o que gera um feixe de massa positiva que parece sair deles, gerando a sua lenta evaporação.

Stephen Hawking, em *Uma nova história do tempo*, página 138, explica:

Podemos pensar nessas flutuações como pares de partículas que aparecem juntas em algum momento, afastando-se e depois voltam a se reunir e se aniquilar reciprocamente. [...] Ao contrário das partículas reais, elas não podem ser diretamente observadas com um detector de partículas. Entretanto, seus efeitos indiretos, tais como as pequenas mudanças na energia das órbitas dos elétrons, podem ser medidos, e esses dados estão de acordo com a previsão teórica num grau de precisão extraordinário. No caso das flutuações do campo magnético, essas partículas são fótons virtuais, e no caso das flutuações do campo gravitacional, são grávitons virtuais. No caso das flutuações dos campos de força fraca e forte, entretanto, os pares virtuais são pares de partículas de matéria, como os elétrons ou os quarks, e suas antipartículas.

Ao contrário das antipartículas, que ambas possuem massa positiva e libera energia na sua aniquilação, as partículas virtuais simplesmente somem depois da aniquilação porque a mesma quantidade de energia positiva e negativa simplesmente vira zero. O problema metafísico está nos ajustes matemáticos para essa teoria fazer sentido, pois estes *indicam a possibilidade* de haver um pequeno resto no equilíbrio da aniquilação das partículas virtuais, ou seja, assim a matéria poderia surgir do nada, sozinha, sem precisar de Deus. Isso depende da unificação das teorias da relatividade geral e da quântica, o que é chamado de *teoria do todo*, ou pelo menos de tudo que se conhece na física até então.

Hawking termia o livro *Uma nova história do tempo* debatendo justamente a questão entre Deus e a ciência, analisa os limites das teorias atuais e faz uma séria cobrança aos filósofos, que julga não mais se importarem com o avanço científico como deveriam. Como pode ser visto nas páginas 158-160, a seguir:

Einstein certa vez perguntou: “Quanta liberdade de escolha Deus teve na construção do universo?” Se a proposta da ausência de limites estiver correta, Deus não teve liberdade alguma para escolher as condições iniciais. Deus ainda teria tido, é claro, a liberdade de escolher as leis a que o universo obedecia. Isso, entretanto, pode não ter sido uma liberdade de escolha tão grande assim; é bem possível que exista apenas uma ou um pequeno número de teorias unificadas completas, tais como a teoria das cordas, que são internamente coerentes e permitem a existência de estruturas tão complicadas quanto os seres humanos, que podem investigar as leis do universo e perguntar sobre a natureza de Deus.

Mesmo que exista uma única teoria unificada possível, ela é apenas um conjunto de regras e equações. O que é que insufla fogo nas equações e cria um universo para elas descreverem? O enfoque habitual da ciência de construir um modelo matemático não é capaz de responder à pergunta de por que deveria existir um universo para o modelo descrever. Por que o universo se dá o incômodo de existir? Seria a teoria unificada tão arrebatadora por dizer que o universo provoca sua própria existência? Ou precisaria de um criador e, neste caso, teria Ele qualquer outro efeito sobre o universo? E quem O criou?

Até agora, a maioria dos cientistas tem estado ocupada demais com o desenvolvimento de novas teorias que descrevem o que o universo é para perguntar por quê. Por outro lado, as pessoas cuja ocupação é perguntar por que – os filósofos – não têm conseguido acompanhar o avanço das teorias científicas. No século XVIII, os filósofos consideravam seu campo todo o conhecimento humano, inclusive a ciência, e discutiam questões como se o universo teria tido um início. Entretanto, nos séculos XIX e XX, a ciência tornou-se demasiado técnica e matemática para os filósofos ou para qualquer outra pessoa, exceto um punhado de especialistas.

Esse questionamento, de Hawking, a respeito de Deus passa de um olhar agnóstico para um olhar ateu em *Curiosidade: Deus criou o universo?*, do Discovery Channel, onde a conclusão dele é nítida: “Não há nenhum Deus”. O motivo é simples e remonta à navalha de Ockham, pois se a ciência pode dar, ou pelo menos na ousadia de Hawking, uma explicação para a origem de tudo sem precisar de Deus e de modo que seja mais simples do que a religiosa, então a melhor escolha seria não acreditar na existência de Deus.

O buraco negro, por suas propriedades, é fundamental para se entender o Big Bang, por isso, no programa citado, Hawking imagina um relógio caindo em um buraco negro até que ele pare, “não porque está avariado mas porque dentro do buraco negro, o tempo, simplesmente, não existe. E foi isso que aconteceu no início do universo”. Esta seria a chave para eliminar a necessidade de um arquiteto universal e “revela como o universo se criou a si próprio”.

O tempo deste universo começou com o Big Bang, de forma que perguntar o que havia antes não faz sentido, pois não havia nem *antes* e nem *depois*, tal como já dizia Agostinho. Porém, Hawking não considera a existência de uma realidade que possa ser chamada de eternidade, que justificaria um Deus não contido nem no espaço e nem no tempo. Ele não considerou válida a herança filosófica que



escapava da física e chama a atenção dos filósofos por não se interessarem mais pela física; o que também deve ser destacado.

Neste programa, Hawking apresenta que o próprio espaço vazio seria a consequência da energia negativa. Tal como um homem cavando um buraco para fazer um monte de terra, a terra seria a energia positiva e o buraco a negativa, como os gregos refletiam do *ser* e do *não ser*. O que não parece se encaixar com a sua explicação das partículas virtuais resultantes das flutuações no vácuo. Ele devia querer se referir aos trabalhos atuais que apontam que a matéria é apenas 4% do que existe no universo, pois 21% seria matéria escura e 75% energia escura.

Enquanto isso, na linha de pesquisa sobre a *Física de Partículas*, estuda-se as partículas elementares, tal como elétrons, quarks e fótons, e o que elas formam quando agrupadas, tal como prótons e nêutrons são formados por três quarks cada um. Acredita-se que uma dessas partículas, o bóson de Higgs, participe na origem de todas as outras. Ou seja, este poderia ser uma arché moderna. Por causa disso o CERN construiu o Grande Colisor de Hádrons, cuja sigla em inglês é LHC, que fica parte na França e parte na Suíça, ao custo de 3 bilhões de euros.

A existência do bóson de Higgs foi anunciada em 04/07/2012 pelos cientistas do CERN e com a felicidade de ter a presença de Peter Higgs, o físico que havia previsto a sua existência em 1964. Essa descoberta tem o poder de dar validade ao modelo padrão para as partículas elementares, pois é o bóson de Higgs que dá a propriedade de massa a estas partículas, por isso o apelido de *partícula de Deus*. As condições em que esta partícula seria formada são proporcionais ao início do universo e para gerar tais condições é que foi preciso construir o LHC.

Um comentário importante é que o apelido de *partícula de Deus* vem de uma forma inapropriada, como relata o conhecido físico brasileiro Marcelo Gleiser na revista *Época*, de 9 de julho de 2012, p. 38:

Existem duas versões para essa história. Numa, a designação vem de sua importância: o bóson de Higgs é a partícula que dá massa a todas as outras, explicando assim algo de fundamental na natureza. A outra, mais divertida e mais precisa, é que *A partícula de Deus* é o título do livro de Leon Lederman, um prêmio Nobel que passou anos tentando achá-la sem sucesso. Segundo ele, queria chamar o livro de *The God damn particle*, algo como *A partícula maldita*. Mas seu editor sugeriu tirar “damn” do título, e foi o que Lederman fez. A simbologia permanece, e seu efeito cultural é enorme.

O avanço científico explica melhor o universo a cada dia e para uma pessoa religiosa isso pode ser visto como a *bela oportunidade* de entender o *como* Deus criou o universo, enquanto na religião está o conhecer do *porquê*. Porém uma religiosidade que tenha medo de pensar, ou seja, insegura, não encontra felicidade dentro da ciência. Também é bastante perceptível o quanto cientistas ateus usam a ciência para encontrar a satisfação interior e exterior da crença de que Deus não existe. É obvio que a ciência continua desde o seu início no meio do fogo cruzado sobre se Deus existe ou não, e isto lhe dá um pensar extremamente especial do qual os filósofos dos últimos séculos se esquivaram.

## CONCLUSÃO

O princípio de tudo e a organização do universo já foram vistos como provas da razão para a existência de Deus, hoje são vistos como bons argumentos e até convincentes. Porém a ciência moderna vem construindo um modelo do universo que não precisa de Deus para existir, como suspiram os ateus. Tal modelo é incompleto e mesmo se alcançar uma *teoria do todo* sem Deus está poderá ser melhorada e um dia justamente mostrar a ação de Deus no universo. As visões de mundo com ou sem Deus apresentam um todo coerente com as suas ideias de forma que simplesmente a razão ainda não tem força para dar o *xequê mate*, ou seja, essa disputa ainda vai levar muito tempo.

O tempo desse universo com o *antes* e o *depois* e o tempo de Deus que chamamos de eternidade não podem ser desconectados um do outro, seria mais coerente que o tempo esteja contido na eternidade e esta seja o caso geral. Deve-se lembrar quando Isaac Newton estava de baixo de uma macieira e caiu sobre a sua cabeça uma maçã, ele olhou para cima e viu a Lua, então se perguntou porque a maçã cai e a Lua não. Provavelmente seja um mito criado por Newton para tornar poética a grande conexão de que as leis que regem a Terra devem ser as mesmas que regem todo o cosmos. Deve ser o mesmo com o tempo e a eternidade.

Tal reflexão é importante e pode abrir um novo ramo para a pesquisa em metafísica. Tempo e eternidade devem ter semelhanças e diferenças. Assim, haveria uma regra geral que valha para os dois? Essa pergunta abre um novo paradoxo: Como Deus nos dá liberdade e pode saber o que vamos fazer? Que liberdade é

essa? A resposta deve vir da relatividade de Einstein, pois algo pode ser simultâneo para um referencial e para outro não ser.

A onipotência de Deus é no sentido de que Ele pode tudo o que é possível, porque não faz parte da potência o não poder, assim Deus é perfeito já que ser perfeito é ser completo como *ser*. Deus é coerente e se Ele decidisse não ser mais, então Ele também deixaria de ser Deus e com certeza nesse sentido Ele é imutável. Tais propriedades não provam a existência de Deus, mas nos permite uma explicação coerente de como Ele deve ser para que possa existir, considerado os pressupostos básicos do deísmo e depois do cristianismo.

A alma é uma realidade espiritual que se conecta com a realidade material e a sua preexistência além dessa realidade material é proporcional para explicar o livre arbítrio, pois não seria justo da parte de Deus nos criar com um defeito ou fraqueza causada por outros. A nossa falha em uma preexistência justificaria o sofrimento das injustiças recebidas de outros, pois é merecido ficar sob o julgo que quem se decide seguir. Faz sentido sofrer pelo outro quando o amor supera a justiça de reciprocidade, não como algo obrigatório e sim na escolha de amar mais, que é livre, não um dever, talvez um pedido, não uma ordem.

Devido ao conhecimento atual do tamanho do universo e das possibilidades de haver vida além da Terra a teologia devia discutir abertamente sobre o contato que estas pessoas extraterrestres teriam com Deus. Para um cristão, o Filho de Deus se encarnou e operou a salvação em Jerusalém, neste planeta, como o evento mais importante da história do universo. Por que não estaríamos sendo visitados? Porém, segundo os conhecimentos científicos atuais, é um absurdo dizer que estamos sendo visitados. No entanto, como a fé é justamente dar passos além da razão, estes possuem o dever de serem ainda mais assertivos.

A origem e a beleza do universo sempre despertaram a ideia de um Criador, mito para alguns e trabalho racional para outros. A coerência define propriedades deste Criador e mostra ser uma resposta racional algo defensável frente às críticas como adversária digna de respeito. O pensamento clássico da metafísica foi aplicado aos conceitos modernos, ignorando as críticas dos filósofos dos últimos séculos contra ela, e mostrou-se uma discussão interessante. Poderá ser verdadeira essa discussão sob o rigor do olhar filosófico? O verdadeiro olhar filosófico observa além do horizonte de seu momento histórico, então a resposta é sim.

## Apêndice

### MISTÉRIO DE DEUS

A escatologia significa o *estudo do fim* e com o fim último é em Deus nada melhor do que traçar este objetivo logo no princípio. Mas para estudar escatologia é preciso organizar a interpretação da numerologia bíblica, e como disse Agostinho, “ninguém consegue chegar ao conhecimento das coisas divinas e humanas se antes não aprendeu matemática solidamente” (*apud* YOUCAT, 2010, p. 27).

Neste apêndice será analisado dois exemplos de numerologia bíblica com o seu objetivo educativo, primeiro a multiplicação dos pães e segundo as contas do fim do mundo no livro de *Daniel*. Isto para que seja possível definir os parâmetros da linguagem em que será trabalhada a questão da Santíssima Trindade, iniciando já neste mesmo capítulo, já que o mistério é uma realidade em que a alma humana é chamada e preparada para participar em toda a complexidade da linguagem educativa usada ao longo das Escrituras e de toda a história da Igreja.

No primeiro exemplo, a multiplicação dos pães, Jesus adverte os seus discípulos do *fermento*, ou seja, o ensinamento dos fariseus e saduceus (Mt 16,5-12). No qual foram 5 pães para 5000 homens e 12 cestos recolhidos (Mt 14,13-21), depois foram 7 pães para 4000 homens e 7 cestos recolhidos (Mt 15,32-38). O pão vem do trigo e é a semente da Palavra de Deus lançada às multidões. O número 5 representa a Lei devido aos 5 primeiros livros, atribuídos a Moisés, a Palavra de Deus foi instruída na história por meio da Lei, mas o povo de Deus na história é representado pelo número 12 que “sobrou”, ou seja, não a absorveu em suas vidas. Depois a Palavra seria enviada aos pagãos no mundo, representado pelo número 4,

e quem mais fosse inspirado por Deus (3+4=7), também seria rejeitado pelo mundo, por isso sobrou 7 cestos. Para Jesus eles não entendiam por falta de fé ao “pensar consigo mesmo”, pois o Reino de Deus “é como o fermento que *uma mulher* [que se trata da Igreja] pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado” (Lc 13,20-21).

No segundo exemplo, sobre as contas do fim do mundo do livro de *Daniel*, que atualmente são entendidas como referência à destruição do Templo no ano 70 pelo general Vespasiano, que logo depois foi nomeado Imperador de Roma.

Eu, Daniel, vi também outros dois homens de pé, à beira do rio, um do lado de cá e o outro do lado de lá. Um deles disse ao homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio: “Quando se realizarão essas coisas maravilhosas?” Ouvi o homem vestido de linho que estava sobre as águas do rio. Ele levantou as duas mãos e jurou por Aquele que vive eternamente: “Daqui a um ano e dois anos e meio. Quando acabar a opressão do povo santo [no cativeiro na Babilônia], aí é que se realizará tudo isso. [...] A partir do dia em que acabar o sacrifício cotidiano e for instalado no Templo o ídolo abominável, passarão 1290 dias. Feliz quem souber esperar com perseverança, alcançando 1335 dias” (Dn 12,5-12).

Toda a interpretação deve girar em torno do fato de que *Cristo é o auge de toda profecia*, pois “quando se completou o tempo previsto, Deus enviou o seu Filho” (Gl 4,4), “o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1,19), e assim foi a “oferta do corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas” (Hb 10,10). Então, a explicação deve ser centrada em Cristo, conforme o quadro:

## Proposta de solução para as contas de Daniel

Depois do tempo do exílio em que Daniel viveu, Jesus Cristo foi preso em um dia e ficou morto por três dias incompletos, por isso o *um e o dois e meio*, em paralelo com um dia de perda e o reencontro no terceiro dia (Lc 2,41-52).

1335 dias ≈ 3,7 anos = 44,5 meses	}	45 dias	→	$\frac{45 \text{ dias} \cdot 24 \text{ horas}}{30 \text{ dias} \cdot 12 \text{ meses}} = 3 \text{ horas}$
1290 dias ≈ 3,6 anos = 43 meses				$\frac{30 \text{ dias} \cdot 24 \text{ horas}}{30 \text{ dias} \cdot 12 \text{ meses}} = 2 \text{ horas}$
1260 dias = 3,5 anos = 42 meses				$\frac{30 \text{ dias} \cdot 24 \text{ horas}}{30 \text{ dias} \cdot 12 \text{ meses}} = 2 \text{ horas}$

Travando em 1335 dias como as 6 horas da manhã no raiair do verdadeiro Sol (Mc 16,2). **1 mês = 30 dias**

Portando, no domingo de Páscoa, Jesus ressuscitou à 1 hora, saiu do túmulo às 3 horas, viram o túmulo vazio às 6 horas.

Jesus anunciou a ressurreição andando sobre as águas entre 3 e 6 horas da madrugada (Mt 14,25).

A profecia de Daniel se mostra comprovada nos livros dos *Macabeus*, enquanto o Templo foi destruído no ano 70 e continua assim até hoje... A linguagem apocalíptica é focalizada historicamente e aponta para a eternidade. A seguir, outro texto que reforça a proposta de solução das contas apresentadas em *Daniel*.

“Agora é o *juízo* deste mundo. Agora o príncipe deste mundo vai ser expulso [2Ts 2,8] e, quando eu for *levantado* da terra, atrairei todos a mim.” Jesus assim falava para indicar com que morte ia morrer (Jo 12,31-33).

Os dirigentes dos judeus perguntaram a Jesus: “Que sinal nos mostras para agires assim?” Jesus respondeu: “Destruam esse *Templo*, e em três dias eu o levantarei.” Os dirigentes dos judeus disseram: “A construção desse Templo demorou 46 anos, e tu o levantarás em três dias?” Mas o Templo de que Jesus falava *era o seu corpo*. Quando ele ressuscitou, os discípulos se lembraram do que Jesus tinha dito e acreditaram na Escritura e na palavra de Jesus (Jo 2,18-22).

Em *Spe Salvi*, Bento XVI, explica que “este ‘Reino’ iniciava naquela hora [da crucificação] e nunca mais teria fim” (2007, n. 50), pois foi na cruz que Cristo matou o ódio (Ef 2,16), vencendo o *cosmos* degradado do homem. Esse cosmos em grego



é *ordem* e significa “o mundo” como um todo ordenado. Então o fim do mundo já foi! Deus é um artista de grandeza absoluta, que nos envolve em lindas figuras no *encontro épico* com a sua Pessoa. “Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar” (Jo 16,12).

Esta mesma linguagem apocalíptica é encontrada no livro de *Daniel* e refere-se aos sofrimentos descritos em *1 e 2 Macabeus*, no livro do *Apocalipse* e refere-se aos sofrimentos na época da perseguição dos romanos, e no *Segredo de Fátima* referindo-se à perseguição dos comunistas contra a fé. Tal linguagem é dramática, talvez surrealista, mas mostra que no final há uma surpresa feliz. Assim pode fazer sentido a frase de Jesus de 2000 anos atrás: “Em verdade, em verdade, vos digo: se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte” (Jo 8,51).

A escatologia será verdadeira na razão que lembrar que Cristo é o auge de toda profecia, assim deve-se recordar: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” (Sl 22,2). Nesta frase o salmista previa o sofrimento de Jesus e foi repetida no momento da crucificação (Mt 27,46). Sabemos que ela não se trata de desespero da parte de Jesus, porque o seu amor com o Pai é indissolúvel e Jesus nunca foi totalmente abandonado. Eis o que Jesus sentiu: “O meu coração se tornou como cera derretendo-se no meio do meu peito” (Sl 22,15).

Como proposta de solução, pode-se dizer que Jesus se derramava em nós, se abandonava em nós. Este é o “por quê” que Jesus disse na cruz, é *por amor*. Portanto a frase poderia ser entendida melhor na forma: “Meu Deus, meu Deus, eis o *por quê* me derramastes”. Ele desceu até o íntimo de todo o sofrimento para nos ligar a Deus, “na presença dos soberbos dignou-se morrer, e diante dos humildes quis ressuscitar” (GREGÓRIO, 2006, p.51). Nós somos queridos por Deus, e sabemos que “onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (Mt 6,21).

Por que tal ligação? “Quem está unido ao Senhor forma com Ele um só espírito” (1Cor 6,17), por isso “os santos, enquanto são uma mesma coisa com o Senhor, não ignoram o pensamento do Senhor” (GREGÓRIO, 2006, p.72). Isso lembra a frase, “unidos somos um”, na nota de *Um Dollar* e quando Jesus diz: “Eu e o Pai *somos um*” (Jo 10,30). A intenção de Deus é nos receber na sua intimidade de forma tão especial que ultrapassa a linguagem humana.

Na santidade projetada para a humanidade deseja-se fazer de nós participantes do Ser de Deus sem dissolver o fato de que “há *um só* Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos” (Ef 4,6). E as palavras de Jesus nos aponta esse mistério: “Não que alguém já tenha visto o Pai. O único que viu o Pai é aquele que vem de Deus” (Jo 6,46), e Jesus é gerado do Pai e pode dizer: “Quem me vê, vê também aquele que me enviou” (Jo 12,45). E como Ele nos insere na família celeste, já estamos participando dessa graça, então ouvimos: “Desde agora vocês o conhecem e já o viram” (Jo 14,7).

Sobre o projeto de Deus para a humanidade, na pátria celeste, encontra-se no *Compêndio do Vaticano II*, em um de seus documentos:

Na realidade, tão só é o mistério do Verbo encarnado explica verdadeiramente o mistério do homem. Cristo, na própria revelação do mistério do Pai e de seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação (*Gaudium et Spes*, n. 22).

Jesus Cristo nos une ao seu Corpo o nos introduz ao Pai em que “toda a família celeste recebe o nome” (Ef 3,15), “a fim de que vós vos tornásseis participantes da natureza divina” (2Pd 1,4). “Deus é amor” (1Jo 4,8) e não nos limita a ser amados, também chama para amar *por completo* quando o “Espírito Santo é derramado em nossos corações” (Rm 5,5). Esta realidade é um *encontro pessoal* com Deus, por isso o homem “não pode entrar sozinho na intimidade do mistério divi-

no” (CCIC 4). Essa intimidade do Ser de Deus como Trindade “foi revelado por Cristo e é a fonte de todos os outros mistérios” (CCIC, n. 45).

Um mistério, em teologia, é uma realidade que não pode ser expressa somente em palavras, assim o amor, a amizade, a família, são mistérios porque é preciso participar para conhecer. O véu do além não pode se rasgar ainda neste mundo, portanto, aquela “hora” do fim do mundo, que só o Pai conhece (Mt 24,36; At 1,7) e nem o Filho sabe (Lc 21,8), trata-se da eternidade, algo além deste universo material em que estamos anexos.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 18ª Edição. São Paulo: Editora Paulus, 2005.
- ALLEGRI, Renzo. ALLEGRI, Roberto. *Os milagres de Fátima*. São Paulo: Editora Paulinas, 2000.
- ALMEIDA, Avelino de. O milagre de Fátima. *O Século*, Outubro de 1917.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Bauru: Edipro, 2006.
- AQUINO, Felipe. *Falsas Doutrinas – seitas e religiões*. 7ª Edição. Lorena: Cleofas, 2006.
- AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. Volumes I e II. 2ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BENTO XVI. *Spe Salvi*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.
- BRAZ JÚNIOR, Dulcídio. *Física moderna: tópicos para o ensino médio*. Campinas: Companhia da Escola, 2002.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- CNBB. *Sou Católico: Vivo minha Fé*. 2ª Edição. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- COMPÊNDIO DO CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CCIC). São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. 29ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- CUOGHI, Diego. *Arte e ufo? Não obrigado, apenas arte por favor...* Disponível em: <[http://www.sprezzatura.it/Arte/Arte\\_UFO.htm](http://www.sprezzatura.it/Arte/Arte_UFO.htm)>. Acessado em: 27/07/2012.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- DECARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- DISCOVERY CHANNEL. *Curiosidade: Deus criou o universo?* 2011.
- FARIA, Dário G. Platão e Aristóteles. Disponível em <<http://philosophiagrega.no.comunidades.net/index.php?pagina=1162110321>>. Acessado em 01/12/2012.

FERRAZ, Jorge. *Milagre de Fátima – jornal “O Século” de 17 de outubro de 1917*. Disponível em < <http://www.deusloqvult.org/2009/05/19/milagre-de-fatima-jornal-o-seculo/>>. Acessado em 01/12/2012.

GLEISER, Marcelo. O que o bóson de Higgs tem a ver com Deus? *Revista Época*. São Paulo: Editora Globo, Edição 738, 9 Julho 2012.

GREGÓRIO. *Vida e Milagres de São Bento*. 5ª Edição. São Paulo: Artpress, 2006.

HAWKING, Stephen. MLODINOW, Leonard. *Uma nova história do tempo*. Rio de Janeiro: Editora PocketOuro, 2008.

JOÃO PAULO II. *Fides et ratio*. 9ª edição. São Paulo: Paulinas, 2006.

KRASTANOV, Stefan Vassilev. *Metafísica I*. Batatais: Centro Universitário Claretiano, 2011.

MAZZARIOLI, Farlei Roberto. *Exoteologia*. Disponível em: <<http://www.farlei.net/extraterrestre.html>>. Acessado em: 27/07/2012.

RATZINGER, Joseph. *Lembranças de minha vida*. São Paulo: Editora Paulinas, 2006.

RESNICK, Robert. *Introdução à Relatividade Especial*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo e Editora Polígono, 1971.

VALIANTE, Francis M. L'Extraterrestre é mio Fratelo. *L'Osservatore Romano*, 14 maio 2008. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/or/or\\_quo/interviste/2008/112q08a1.html](http://www.vatican.va/news_services/or/or_quo/interviste/2008/112q08a1.html)>. Acessado em: 27/07/2012.

WIKIPÉDIA. *Paradoxo da onnipotência*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paradoxo\\_da\\_omnipotência](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paradoxo_da_omnipotência)>. Acessado em: 15/07/2012.

YOUCAT – CATECISMO JOVEM DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Editora Paulus, 2011.